

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Marcel Schmitz Gutιά

**RENOVANDO AS PRÁTICAS:
EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E O CASO DOS
CATÓLICOS CARISMÁTICOS EM UMA PARÓQUIA
DA GRANDE FLORIANÓPOLIS.**

Florianópolis
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Marcel Schmitz Gutιά

**RENOVANDO AS PRÁTICAS:
EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E O CASO DOS
CATÓLICOS CARISMÁTICOS EM UMA PARÓQUIA
DA GRANDE FLORIANÓPOLIS.**

Trabalho de Conclusão de
Curso, do Curso de Graduação
em Ciências Sociais, da
Universidade Federal de Santa
Catarina, apresentado como
requisito para obtenção de título
de Bacharel em Ciências
Sociais

Florianópolis
2010

Marcel Schmitz Gutιά

**RENOVANDO AS PRÁTICAS: EXPERIÊNCIAS
RELIGIOSAS E O CASO DOS CATÓLICOS
CARISMÁTICOS EM UMA PARÓQUIA DA GRANDE
FLORIANÓPOLIS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Ciências Sociais, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais.

Florianópolis, 22 de dezembro de 2010.

Prof. Dr. Itamar Aguiar
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Vânia Zikán Cardoso,
Orientadora - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Azevedo Lisboa
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.Dr. Márnio Teixeira-Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS:

Sempre acreditei que a vida é feita de chegadas e partidas. Este trabalho de conclusão de curso é para mim o ponto de chegada num longo e árduo ciclo que representou algo magnífico em minha vida. No entanto, torna-se também a partida para novos rumos, da pesquisa, da aplicação dos métodos, técnicas apreendidas e, sobretudo o respeito pelo conhecimento do “outro”.

Meu desejo é agradecer cada um dos que compartilharam comigo cada momento. Sinto que é preciso voar, ir além, pois hoje reconheço que algo terminou, para que o novo possa ter início e eu dê continuidade àquilo que já é.

Tantos tempos e espaços distintos presenciaram este meu caminhar. Gostaria, pois, de agradecer, reverenciando muitas pessoas e instituições que dessa caminhada fizeram parte.

Primeiramente a Deus que me fez, durante todo esse período, respeitar quem não cresse, mas nunca me fez duvidar da sua existência, dando muita luz para cada momento nesse curso.

A minha mãe Terezinha por estar comigo em absolutamente toda essa caminhada, por seu apoio, encorajamento, por sua firmeza e honestidade. Por me fazer ver que a vida só tem sentido se somos sinceros em todos os momentos. A meu pai Volnei pelo apoio e pelo seu dinamismo em compreender minhas limitações e minhas angústias nesse processo. A Valentini, minha irmã, por querer, mesmo com sua inocência, ajudar o “mano” nas horas mais difíceis.

A minha orientadora, professora Vânia Zikan Cardoso, por sua paciência e delicadeza constante em me convencer de que seria possível realizar esse trabalho e pesquisa. Por sua maneira espontânea de esclarecer minhas dúvidas e, pela sua coragem de orientar um de seus alunos mais ansiosos e impacientes.

Aos professores Miriam Hartung e Márnio Teixeira-Pinto, meus outros pais, que dentro dessa universidade me aconselharam nas minhas inquietações e me apoiaram em minhas decisões, torcendo sempre pelo meu sucesso.

A professora Maria Regina Azevedo Lisboa que com

imenso carinho e disponibilidade, aceitou fazer parte da banca de avaliação desse trabalho, compartilhando comigo seus conhecimentos.

A professora Sônia Weidner Maluf por sua participação na banca de qualificação deste trabalho, fornecendo importantes contribuições para essa pesquisa.

Aos meus eternos amigos agradeço a força, a presença e o estímulo. Quero lembrar aqui de Pe. Iseldo Scherer que soube com sua paciência compreender todas as minhas aflições e crises de fé. Através de sua confiança ele nunca duvidou de minha capacidade. A Gabriel e Miriam que compreenderam minha ausência quando os estudos me solicitavam, por sempre me sustentarem em vários momentos com suas amizades. A Lívia, minha confidente, que com companheirismo, paciência e compreensão me fez acreditar que o tempo e distância jamais poderão afastar de nós o carinho e apoio daqueles que acreditam em nossos sonhos, muito mais até do que nós mesmos. A Nelma pelo apoio e firme presença reflexiva em meu amadurecimento. A Manoel, um grande companheiro, pela sua eterna preocupação com cada passo dado nessa caminhada. A esses quero agradecer por aquilo que lembra o “O Pequeno Príncipe”, serem eternamente responsáveis por aquilo que cativam, aqui, minha eterna admiração.

Ao Núcleo de Pesquisa em Fundamentos da Antropologia (A-Funda) pelo três anos que o integrei. Lá pude desenvolver esta pesquisa na condição de bolsista e assistente técnico de pesquisa.

Aos meus interlocutores que abertamente se prontificaram a muitas vezes escutar minhas dúvidas e prontamente atender minhas solicitações. Foram eles que proporcionaram esse trabalho.

Aos meus colegas e professores nesse curso a quem devo grande parte de ter conseguido chegar até aqui.

A Cleide, minha amiga, que com dedicação surpreendente soube cuidadosamente ler esse trabalho e fornecer suas contribuições.

A Pró Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) que durante três anos me proporcionou o financiamento e parte de minha manutenção nesse curso por meio do Programa de Bolsa Permanência.

Por fim, a todos aqueles que, com sua presença,

acolhida, escuta e palavras, me incentivaram, ensinaram e indicaram por onde seguir. Cada contribuição foi acolhida e decisiva nos momentos que sempre precisei nesse curso e nas minhas pesquisas. A todos muito obrigado!

*O sábio não é o homem que
fornece as verdadeiras
respostas; é quem faz as
verdadeiras perguntas*

Claude Lévi-Strauss.

RESUMO

Com o surgimento da Renovação Carismática Católica (RCC) algumas pessoas passaram a (re)interpretar sua participação no catolicismo. Nesse panorama, não se buscou entender o papel de importância do movimento da RCC no catolicismo, ainda que isso seja outra motivação desta pesquisa, mas analisar o movimento a partir do ponto de vista dos sujeitos que dela participam. Essa pesquisa, a partir da perspectiva antropológica, propôs fazer um estudo etnográfico, interpretando assim, o que os interlocutores ao conhecerem o movimento passaram construir no seu cotidiano, como se tornavam adeptos do movimento e como construíam o seu estilo de ser “carismático”.

“A RCC mudou minha vida” “Na RCC eu consegui encontrar coisas mais claras sobre minha fé católica.” “Com a RCC eu tenho sido mais feliz por ser católico.” Muitas dessas frases ditas pelos interlocutores possibilitaram observar que a RCC passa a ser avalista das experiências das pessoas. O “ser carismático” dos interlocutores pesquisados, pertencentes a uma paróquia da grande Florianópolis, levou em conta não só o que passaram a aderir das práticas da RCC, mas o modo que eles mudaram, de alguma forma, sua vida, no âmbito pessoal e social. As práticas passaram a ser interpretadas e executadas pelos membros do movimento conforme sua própria vontade e nem sempre a partir daquilo que exatamente recomendava totalmente a RCC em suas diretrizes.

Ao passo que esses adeptos foram assimilando as práticas, também quiseram fazer o movimento ser conhecido por outras pessoas e tivesse um espaço em sua paróquia para execução de suas atividades e consolidação de suas práticas, num contexto onde a RCC não conseguia se instalar enquanto movimento instituído.

Palavras-chaves: Renovação Carismática Católica, práticas, adesão

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	17
I – I O Campo.....	18
I – II Passo-a-passo aconteceu.....	24
CAPÍTULO II – UM POUCO DA RCC E SUAS AÇÕES	29
II – I Origem.....	29
II – II Grupos de Oração.....	30
II – III O Espírito Santo e suas manifestações.....	31
II – IV Hierarquia, comando e relações.....	35
II – V Acerca da realidade dos carismáticos estudados.....	38
CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIAS CARISMÁTICAS	43
III – I Um espaço para o religioso.....	43
III – II Primeiros contatos, adesão e mudanças: o individual e o familiar.....	44
III – III O individual e o social no grupo de oração.....	52
III – IV O fervor em “línguas”.....	57
III – V A RCC no cotidiano.....	62
CAPÍTULO IV – O ESPAÇO DA RENOVAÇÃO	67
IV – I Duas práticas, um catolicismo.....	67
IV – II Legitimando o jeito de “ser” carismático.....	68
IV – III Em busca de um espaço.....	70
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

Este trabalho se tornou possível dado minha amizade, construída antes dessa pesquisa, mas que durante seu percurso foi consolidada, com adeptos e simpatizantes do Movimento da Renovação Carismática Católica, que aqui chamaremos pela sua sigla RCC - como é mais conhecida -, de uma paróquia¹ da Grande Florianópolis. O trajeto percorrido por esses membros, de saída de sua paróquia de origem para participar de atividades da RCC em outras paróquias, é o que mais me chamava atenção e me fez ter certa curiosidade sobre o que levava essas pessoas a participarem dessas atividades. Nunca havia participado, até essa pesquisa, de uma atividade promovida pela RCC, mas aos poucos me interessei em estudar alguns aspectos desse movimento, não no seu âmbito institucional, mas do ponto de vista das pessoas que participam das práticas dele.

A pergunta inicial que me motivava era o que essas pessoas buscavam na RCC? Sem dúvida parecia que a RCC assumia na vida dessas pessoas um lugar indispensável. As pessoas com quem trabalhei e desenvolvi essa pesquisa, eram aquelas que, no momento no qual as identifiquei possuíam uma trajetória na respectiva paróquia onde moravam. O curioso era perceber que essas pessoas participavam de atividade da RCC em outras paróquias, mas, ao mesmo tempo, não abandonavam as atividades de sua paróquia de origem por causa da participação nessas atividades do movimento.

Ao longo das conversas e à medida que as narrativas iam sendo construídas pelos interlocutores foi possível encontrar discursos do tipo: “a RCC mudou minha vida”. Esses interlocutores abandonaram, segundo eles próprios, alguns “hábitos ruins”, como fumar, ingerir bebidas alcoólicas, brigas constantes no casamento, fofocas. A inserção deles nas atividades do movimento é que, segundo as narrativas, motivou a perda desses hábitos.

Com a inserção no movimento, um fato se tornou importante para ser observado: as atividades da RCC, assim

¹ - Circunscrição estabelecida pela Igreja Católica para delimitar seus territórios onde se encontram um determinado número de igrejas sob a responsabilidade de um determinado padre.

como observa Silveira (2008), se tornavam avalistas “das experiências subjetivas empreendidas pelo sujeito, ao mesmo tempo em que colocavam a tradição numa espécie de “circuito vivencial”, no qual é subjetivada a partir da opção do sujeito” (p. 39). Frente a isso, algumas indagações surgiam: seria as atividades da RCC uma maneira desses fiéis pesquisados encontrarem uma forma de (re) afirmarem seu catolicismo? Ou seria a RCC somente mais um grupo qualquer entre tantos na Igreja Católica que só chamou atenção desses fiéis, mas em nada mudou sua experiência religiosa?

Não tinha um foco claro para poder iniciar, sequer sabia por onde começar minhas leituras e meu campo. Isso foi possível quando aos poucos um maior contato com os interlocutores foi sendo estabelecido, pois não fui me relacionando com eles, de maneira mais frequente, somente pelo motivo exclusivo de querer pesquisar.

A pesquisa, porém, foi sendo construída a partir da perspectiva de querer pensar numa possível transformação do sujeito através de sua participação em atividades da RCC, como grupos de oração, retiros e missas. De acordo com Cabrera (2001), haveria nessas atividades, a tentativa de querer transmitir ao indivíduo uma visão do mundo e de vida que corresponde ao ideário dos carismáticos (p. 132). Como essa transmissão ia se estabelecendo é o que eu procurava identificar. Juntando-se a isso, o que este trabalho também propõe é entender as transformações na vida dos interlocutores, a partir da frequência e adesão as atividade e práticas da RCC.

I – I O CAMPO

Sempre tive interesse pelo estudo das religiões, principalmente por aspectos do catolicismo. Esse interesse pelo catolicismo, não era só pela minha experiência religiosa dentro dele, mas por considerá-lo bastante plural e longe de ser homogêneo, tanto em suas práticas, quanto pelos grupos, associações e movimentos que dele fazem parte.

Antes de partir para o campo religioso pesquisado, quero destacar que quando vou trabalhar com religião, a idéia de experiência religiosa e até mesmo a idéia de sagrado, tenho

como parâmetro a perspectiva de Clifford Geertz (1989) sobre religião, quando ele diz que esta seria

... um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (p. 104-105).

No que se refere à RCC dentro desse contexto religioso, para mim, este sempre foi um movimento curioso dentro da Igreja Católica, não somente por ser algo que vinha e vem congregando muitas pessoas, mas pelo fato de algumas práticas estarem ligadas a boa parte de algumas igrejas pentecostais², principalmente no Brasil. Muitas igrejas pentecostais têm o hábito de praticar a “oração em línguas”, expulsão de demônios e realizar curas, atividades também realizadas em eventos e encontros da RCC.

Ao passo que essa pesquisa foi sendo desenvolvida passei a ler mais sobre a RCC, e dentre minhas leituras estavam livros publicados pelo próprio movimento, bem como por padres que orientam sobre ações e práticas de como participar dele³. Essa literatura “nativa” consultada complementou a pesquisa bibliográfica na área das ciências sociais.

Num primeiro momento tendia a caminhar por algumas vias da sociologia que, a partir de algumas leituras com que tive contato, estavam preocupadas em justificar e entender a RCC, no seu âmbito institucional, como um movimento católico inserido

² - Igrejas onde os cultos tem forte apelo emocional “voltado para o êxtase, com papel para glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato” (GAARDER et all, 2005. p. 307.)

No Brasil esse pentecostalismo se dividiu entre “pentecostalismo clássico” e “*neopentecostalismo*”. Entre os “pentecostais clássicos” destacam-se as igrejas Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, dentre outras. No seguimento do “*neopentecostalismo*” estão Igreja Universal do Reino de Deus, Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus, dentre outras. (idem)

³ - Dentre esses livros destaco *Saiba participar de grupos carismáticos*, do Padre Alírio José Pedrini. No livro o autor enumera diversas questões e explicações sobre como participar de atividades da RCC.

na sociedade para fazer frente ao avanço das igrejas pentecostais e neopentecostais. Algumas outras literaturas sociológicas, frequentemente utilizadas aqui, também ajudaram muito, principalmente quando propiciavam maior atenção à descrição das atividades carismáticas pesquisadas. Decidi então, abandonar essa perspectiva institucional do movimento, do que ele representava para a Igreja Católica, mesmo que no capítulo seguinte - para entender o contexto que pesquisei – tenha dado ênfase bastante significativa as suas ações e sua história.

Acabei encontrando pouca literatura sobre as experiências de sujeitos que estariam ligados de alguma forma a RCC. Pouquíssimas pesquisas, na minha breve revisão bibliográfica, traziam reflexões sobre a idéia de que os sujeitos são, sobretudo, protagonistas na construção de um estilo de “ser” da RCC, muito mais do que serem meros reprodutores de normas e diretrizes do movimento.

Num primeiro momento delimiti em quais pessoas eu iria focar minha pesquisa. Resolvi identificar pessoas que já tinham certa caminhada nos movimentos eclesiais ou eram frequentadoras assíduas das missas na comunidade, a fim de entender justamente, o que essas pessoas, já com uma experiência religiosa⁴ dentro da Igreja Católica, faziam em encontros, missas e concentrações promovidas pela RCC e seus membros, em outras paróquias que não fosse a sua de origem. Pude depois perceber que, para alguns, foi à própria experiência na RCC que os incluiu nos movimentos eclesiais.

Deste grupo inicial, selecionei sete pessoas, um número pequeno de pessoas, que me permitiria desenvolver uma pesquisa mais aprofundada. Estes sujeitos exerciam funções diferentes na mesma comunidade de uma determinada paróquia da Grande Florianópolis⁵. Na medida em que fui conversando com algumas pessoas sobre o intuito dessa pesquisa, alguns nomes foram sendo indicados e, dentre estes indicados, quase todos estão incluídos entre os sete pesquisados.

⁴ - “Entendemos como experiência, e concretamente por experiência religiosa, aquilo que se percebe de modo imediato e se vive antes de toda análise e de toda formulação conceitual. Trata-se da vivência concreta do homem que se encontra, graças a uma força que não controla ou manipula, frente a um mistério ou poder misterioso. (BINGEMER, apud CALIMAN, 1998, p. 84)

⁵ - Não utilizarei o nome da paróquia, nem o da cidade, a fim colaborar com a preservação do anonimato das pessoas com as quais interagi.

As pessoas para quem eu pedia indicação sempre ficavam curiosas quando eu perguntava do assunto, achavam interessante alguém pesquisar sobre a RCC. Ainda que eu não tivesse critérios previamente definidos sobre quem eu iria pesquisar, me parece que, mesmo inconscientemente, as pessoas que me indicavam tinham. Na maioria das indicações apareciam sugestões do tipo “A *“pessoa X” está sempre participando das missas carismáticas.*” “Ah! Você procura o *“fulano Y” ele sempre me fala da RCC*” A frequência nas missas promovidas pela RCC e a divulgação do movimento na comunidade pareciam ser os principais motivos que originavam as indicações. Enfim, essas indicações que foram dadas poderiam correr o risco de durante a pesquisa ser desmontadas, pois as indicações partiam em grande parte de pessoas que não eram ligadas a RCC. As indicações eram fornecidas pelo ponto de vista do que esses “indicadores” entendiam sobre o que era ser participante ou adepto do movimento. Por sorte, logo nos primeiros contatos com quem selecionei, as indicações foram sendo comprovadas a partir do que os próprios indicados diziam: “*Somos da RCC!*” “*Sou carismático*”.

Para tanto, fui aos poucos entrando em contato mais frequente com as pessoas selecionadas sobre o assunto. Eu já conhecia todas as pessoas anteriormente - algumas eu não sabia sequer que eram adeptas da RCC e suas atividades – pois já participava com elas de atividades da mesma paróquia a que elas pertencem.

O início da pesquisa foi um pouco difícil, pois em minha participação na comunidade, desde antes da pesquisa, sempre tive uma afinidade com a Teologia da Libertação, que no campo teológico sempre teve “conflitos” com a RCC. Para mim isso se colocava, em princípio, como uma possível barreira, ainda que não viesse a encontrá-la durante o trabalho de campo. Muitos colegas da Teologia da Libertação pontuavam muitas críticas a RCC e suas atividades e eu, mesmo sem conhecer com mais profundidade, nem identificar com mais cuidado, a época, que práticas eram essas, já abraçava esse discurso de crítica.

Foi preciso pra mim, na medida em que gostaria de entender o “outro”, questionar algumas pré-noções que eu mesmo estabelecia sobre a RCC, formuladas, até então, pela minha inserção na Teologia da Libertação. Eu tinha noção, do que fala Velho (1978), ou seja, se não houvesse um

questionamento sobre essas noções caminharia para a construção de um conhecimento precário e preconceituoso. Mas ainda como lembra o autor, a minha intenção de entender o outro, precisaria de um “mergulho” profundo no seu cotidiano. Transformando assim, o exótico em familiar e o familiar em exótico, ou seja, o que parecia estranho pra mim e que fazia parte do cotidiano dos interlocutores passaria a ser do meu cotidiano também, mesmo que durante a pesquisa. O que pra mim era entendido como natural precisava também ser “estranhado” a fim, de como já lembrado, não conduzir a pesquisa por um caminho precário. Esse exercício de familiarização e exotização foi muito importante para, aos poucos, as barreiras serem desconstruídas.

As primeiras experiências de atividades da RCC de que tomei conhecimento, após o contato com a literatura e durante o período de desconstrução das barreiras, foram pela televisão, na TV Canção Nova, que é ligada a Igreja Católica e simpatizante do movimento. Ainda que não haja uma relação formal entre a emissora e o movimento, ela assume uma linha de trabalho, onde em sua programação há diversas divulgações de atividades ligadas a RCC, como orientações muito parecidas com as do movimento, dentre elas o incentivo para fiéis católicos participarem de grupos de oração da própria RCC.

Foi durante uma missa transmitida pela Canção Nova que pude observar, pela primeira vez, o que muitos chamam de “oração em línguas”, só que até então não entendia o que era, nem o que significava. Pela vontade de querer compreender aquilo que, para mim, era tão desconhecido num primeiro momento é que houve uma espécie de impulso para começar o diálogo com as pessoas selecionadas.

Aos poucos fui buscando uma interação, tentando colocar em prática o papel do antropólogo. No início, a relação com essas pessoas era mais informal, passando por simples conversas até conseguir uma maior interação a tal ponto de ser mais direto em minhas perguntas sobre as experiências delas, buscando colocar em prática o que mostra Cardoso de Oliveira (2006) quando destaca que

ao trocarem informações entre si, [antropólogo] e “nativo”, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por

tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, em uma outra de mão dupla, portanto uma verdadeira interação. (p. 24)

No início, muito dos interlocutores estranhavam minha aproximação para falar de assuntos ligados a RCC. Eles sabiam que eu, mesmo com toda trajetória na Igreja Católica, jamais me interessara pela RCC. O meu pertencimento em relação a Teologia da Libertação acredito que tenha sido uma barreira criada por mim mesmo, pois esse interlocutores não sabiam, de minha simpatia por esse tipo de teologia. Tive que paulatinamente desmistificar tanto de mim, como dos próprios interlocutores, a imagem de “inquisidor” da RCC. Para que essa desmistificação fosse estabelecida é que criei uma relação mais informal sobre o assunto, ou seja, não queria já no início despejar várias perguntas, mas criar algumas situações mais descontraídas, como conversas quando os via na farmácia, supermercado e em outros lugares.

Na medida em que eu me apresentava interessado pelo assunto, as conversas se tornavam menos mecânicas e alguns interlocutores me ligavam para conversar e contar determinadas coisas sobre o movimento, me convidando também para visitá-los assim que eu pudesse. No início, agendei visitas com cada um dos interlocutores que havia selecionado. Todos foram muito acessíveis em me receber em suas casas, mesmo diante do estranhamento de minha aproximação deles para falar do assunto. Acredito que isso se deu pelo fato de eu ter preparado o “terreno” para o assunto através desses diálogos informais iniciais.

Num segundo momento frequentei algumas atividades que esses interlocutores classificavam como sendo do movimento, até mesmo para que eu pudesse entender quais atividades faziam parte das experiências religiosas deles. A convivência e conversas com as pessoas, me fez tomar as histórias contadas pelos adeptos do movimento como pertencentes a uma realidade que já estava internalizada no cotidiano e, até mesmo em suas histórias e trajetórias de vida, não só no aspecto religioso, mas também social. As pessoas se empolgavam à medida que narravam suas transformações. Não

foram produzidas simples narrativas sobre o que significavam algumas práticas na visão da RCC enquanto movimento instituído da Igreja Católica. Os interlocutores construíam narrativas sobre suas experiências pessoais a respeito das práticas no movimento e o que elas representavam em suas trajetórias de vida. Essas narrativas, no entanto, não deixavam de destacar a importância que as palavras de líderes do movimento tinham para a produção de algumas significações.

Mas não bastava tomar como dado o discurso por eles produzido, era preciso entender o contexto de onde eles eram produzidos e que caminhos foram percorridos para essa produção. A ideia de Viveiros de Castro (2002) sobre a relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado, se tornou uma guia para mim. Segundo o autor, é preciso que “o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento...” (p. 113). Pretendi assim, construir minhas interpretações não de um ponto de vista isolado e superior. Procurava fomentar as narrativas com curiosidades e perguntas que poderiam facilitar e anexar, aos poucos, um discurso ao outro, para assim entender as experiências.

I – II PASSO-A-PASSO ACONTECEU

“Mudança de vida”, “ações do Espírito Santo”, “oração em línguas”, dentre outras expressões que faziam referência às práticas e experiências ligadas à RCC permeavam as histórias produzidas. Pude entender o que significava parte desses termos quando passei a frequentar com esses interlocutores as atividades da RCC.

As dúvidas sobre as histórias contadas se tornavam menos constantes e algumas questões se tornavam mais claras na medida em que o contato com os interlocutores se tornava frequente. Eles tinham idades diferentes, entre 35 e 70 anos. Entre os selecionados, havia dois casais, duas mulheres casadas e uma separada. Foram selecionados dois homens e cinco mulheres.

Um dos receios que sempre tive era de falar da intimidade dessas pessoas, por medo de ser mal interpretado e invasivo. Mas à medida que as conversas e a interação iam se desenvolvendo, muitas coisas que não planejava ouvir e interagir aconteciam. Nunca trabalhei com um quadro de entrevistas pré-estabelecido, à medida que as pessoas narravam suas experiências eu ia organizando alguns questionamentos e procurando o momento certo para fazê-los.

Procurei também, entender o que ocorria com as práticas desses adeptos da RCC no catolicismo tradicional, ou seja, nas atividades da paróquia de origem desses interlocutores. Não será desenvolvida com maior intensidade uma explicação acerca da relação entre catolicismo tradicional e não tradicional. Mas para que se possa entender o modo em que catolicismo tradicional é abordado aqui, me refiro à mera participação das missas. Podendo ser entendido também como à prática de uma religiosidade já herdada de gerações familiares, levada a diante pela lógica do respeito e do não questionamento das práticas e da hierarquia. Já o não tradicional, ainda que respeite toda a lógica do sistema doutrinário e hierárquico da instituição, anexa elementos novos e próprios a essas práticas, não seguindo, pois, um ritual fixo e normatizado. A RCC se enquadra assim, nesse âmbito não tradicional.

Pretendeu-se estabelecer uma relação a fim de compreender como acontece a participação dos fiéis na RCC. Pensando novamente na idéia de Viveiros de Castros (2002), essa relação de pesquisa, na realidade pôde revelar que “o antropólogo e o nativo são entidades de mesma espécie e condição: são ambos humanos, e estão ambos instalados em suas culturas respectivas, que podem, eventualmente, ser a mesma” (p.114).

Durante a pesquisa busquei, assim como lembra Cicourel (1980), atuar como um “observador participante “ativo” [que] efetivamente “integra” o grupo que está estudando a ponto de sentir-se aceito como um deles” (p. 91). Obviamente, sempre soube, que ser aceito “como um deles”, seria impossível, até porque eles nunca me viram como um deles, mas adquiriram respeito e liberdade para comentar assuntos com alguém que dava importância a suas experiências carismáticas. Também me esforcei ao máximo para não esquecer que o pesquisador , assim como lembra Haguette (1987), “deve se esforçar por

captar o dado com um mínimo de intervenção de sua parte, fazendo o possível para manter certa distância entre si mesmo e os pesquisados” (p. 63).

Ainda que possuísse uma inserção na comunidade pela via religiosa, dado que me considero um católico praticante, mesmo que não participando das atividades da RCC, durante toda pesquisa refletia “se [eu] o observador seria ou não capaz de manter a distância necessária para realizar as observações posteriores ou se o envolvimento [me] impediria ou não de fazer as observações necessárias...” (CICOUREL, 1980, p. 95). Juntando-se a isso, procurei seguir o que diz Michel Foucault (1987) no prefácio de “As palavras e as coisas”, ao mostrar que o campo com seus aspectos fundamentais coloca as ordens empíricas com as quais o observador terá de lidar e possivelmente irá encontrar e deverá respeitar. Ou seja, ainda que se tenha uma inserção no campo e ache fácil desenvolver a pesquisa, duas coisas precisam ser levadas em conta, manter o distanciamento, aqui já referido, e respeitar os aspectos que o campo vai colocando para sua pesquisa, sem querer modificá-los ou desrespeitá-los.

Diante disso entendo que o observador se torna parte do campo numa interação e, “trás com ele um conjunto de estruturas de significado ou de relevâncias que orientam sua interpretação do meio formado de objetos que estão dentro do seu campo de visão, qualquer que seja este meio” (p.99).

Goldman (2003), em suma, consegue sistematizar todo esse trabalho, do campo e da interação, afirmando que “o etnógrafo deve articular os diferentes discursos e práticas parciais (no duplo sentido da palavra) que observa, sem jamais atingir nenhum tipo de totalização ou síntese completa” (p.456).

Tendo como eixo norteador as histórias e narrativas dos interlocutores sobre suas experiências, trajetórias e práticas, busquei pensar a narrativa tal como um “produto de uma multiplicidade de interferências, das quais algumas aparecem no próprio texto de sua enunciação” (MALUF, 1999, p.77).

Acredito que através da observação participante, do discernimento da relação entre o observador e seu objeto, esse trabalho buscou compreender as interpretações de alguns adeptos da renovação carismática e de sua experiência religiosa. Por querer estar mais presente no cotidiano dos interlocutores e com eles realizar essa observação participante, é que o trabalho

não envolve um número maior de pessoas. Isso não significa que as análises sejam restritas só a esses adeptos, porém para entender melhor as experiências de transformações, preferiu-se focar nesses casos.

Entendo, porém, que esse trabalho não deve "responder apenas uma questão, mas sim que existe uma questão principal da qual pode derivar uma série de outras perguntas." (VICTORIA et al., 2000, p. 49) Essas novas perguntas, possivelmente podem ficar sem uma resposta nesse produto final, mas certamente serão impulsionadoras de novas pesquisas, interpretações e reflexões sobre o tema estudado.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No capítulo seguinte, "Um pouco da RCC e suas ações", apresento algumas práticas do movimento da Renovação Carismática Católica. Buscou-se fazer uma revisão da literatura sobre o assunto, bem como de materiais produzidos pelo próprio movimento, para assim entender sua origem, alguns de seus conceitos e algumas atividades centrais. Nesse capítulo também são apresentados os interlocutores da pesquisa e parte de suas vidas.

No capítulo III, "As experiências carismáticas", procuro trabalhar a partir das narrativas fornecidas pelos interlocutores, buscando compreender o que eles identificavam como significativo na RCC. Ofereço algumas análises a partir das próprias narrativas dos interlocutores sobre seu cotidiano, a participação em atividades do movimento e as mudanças que surgiram da adesão à RCC, bem como as interpretações e quais as implicações que essa adesão tem em suas vidas. Analiso parte da atuação dos interlocutores nas atividades, bem como eles configuram as práticas tendo em vista as orientações da RCC enquanto movimento institucionalizado.

No capítulo IV, "O espaço da "Renovação"", apresento uma situação que se consolidou durante essa pesquisa, que foi a busca pela implementação da RCC num espaço aonde ela ainda não atuava de forma reconhecida pelas lideranças locais. Esse capítulo, de maneira sutil e através das narrativas dos sujeitos, mostra as relações que se estabeleceram a fim de garantir uma legitimidade para o movimento a partir das pessoas que são adeptas. Além disso, o capítulo mostra a construção de uma espécie de proselitismo a fim de aumentar o número de

simpatizantes da RCC e conseqüentemente garantir um reconhecimento para o movimento.

No capítulo V, dedicado às considerações finais, apresento minhas percepções sobre o campo estudado, a relação com interlocutores e as experiências que fizeram parte desse processo de construção monográfica e os possíveis desdobramentos com as interpretações aqui levantadas.

CAPÍTULO II - UM POUCO DA RCC E SUAS AÇÕES

II – I ORIGEM

Na vanguarda do que propunha o Concílio Vaticano II para a estrutura da Igreja Católica no mundo, é que surge em 1967, anos depois do final desse concílio, a RCC. Nesse mesmo ano, na cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, “um grupo de leigos católicos do corpo docente da Universidade de Dusquene, reuniu-se em retiro espiritual para uma reflexão sobre a sua vida religiosa” (SOUZA, 2005, p. 20).

Foi com esse retiro que surge a “célula embrionária” da RCC. De acordo com Souza (2005), fala-se que nesse retiro, no qual participaram inclusive pessoas que tinha contato com grupos evangélicos, muitos experimentaram a “presença do Espírito Santo”, seja através da “oração em línguas”, dos dons da profecia, dentre outros.

Os relatos também mostram que nesse retiro de final de semana em Dusquene, “os dons carismáticos/ ”batismo no Espírito” são manifestos, expandindo-se rapidamente por universidades e a população católica como um todo” (MANSFIELD, 1995 apud SILVEIRA, 2008, pp.42-43).

A RCC já nasce dentro de um ambiente universitário, secular, tanto que para alguns, o termo carismático

realmente peca por sua imprecisão, mesmo na teologia. Eles têm mais uso sociológico que teológico, graças a Weber que o tomou de empréstimo ao teólogo Rudolf Sohm, comentarista de São Paulo, o qual atribuía à organização do cristianismo um caráter carismático por oposição a jurídico. (BENEDETTI, 1988, nota 19, p. 267 apud CARRANZA, 2000, p. 25).

Com o passar do tempo o movimento se expandiu pelo mundo. De acordo com alguns estudos, na época de seu segundo congresso internacional, em 1974, a RCC, oito anos

depois de sua fundação, já estava em 35 países, contando com um contingente de quase 800 mil membros.⁶

No Brasil atribui-se a chegada da RCC aos padres jesuítas Eduardo Dougherty⁷ e Haroldo Rahm⁸, no ano de 1969. O berço da RCC no Brasil foi a cidade de Campinas⁹, interior de São Paulo, e de lá sua propagação foi bastante acelerada. De acordo com dados levantados por Souza (2005), em 1994, só no Brasil a RCC já havia chegado à casa de 3,8 milhões de adeptos. Para Prandi (1998) o movimento foi uma espécie de reação da igreja para dentro dela mesma, contrapondo-se aos seus setores politizados e, para fora, no que diz respeito aos oponentes religiosos.

Há uma infinidade de regras, terminologias e ações para quem simpatiza ou é adepto da RCC. Esse trabalho não quer fazer uma historiografia da RCC, no entanto, alguns aspectos de suas trajetórias e suas ações serão utilizados para contribuir com as análises que serão desenvolvidas. Para a RCC são considerados membros do movimento aqueles que aparecem registrados em algum Grupo de Oração, do contrário são considerados apenas simpatizantes.

II – II – GRUPOS DE ORAÇÃO

A própria RCC, através sua página oficial na *internet* classifica grupo de oração como

uma comunidade carismática que cultiva a oração, a partilha e todos os outros aspectos da vivência do Evangelho, a partir da experiência do batismo no Espírito Santo. Trata-se de uma reunião semanal na

⁶ - Informações de Francisco de Oliveira Barros Jr, em sua dissertação de mestrado em ciências sociais pela PUC-SP, de 1993. Como não foi encontrado o original, utilizou-se de parte da citação contida em PRANDI, 1998, p.34.

⁷ - Atualmente preside a Associação do Senhor Jesus, mantenedora da TV Século XXI, transmitida em alguns pacotes de canais fechados de televisão. Padre Eduardo ainda hoje faz parte do Conselho Nacional da RCC.

⁸ - Preside os trabalhos da instituição que leva seu nome, onde ajuda pessoas com problema relacionados ao alcoolismo e outros tipos de drogas. Faz parte do Conselho Nacional da RCC.

⁹ - A informação está disponível no próprio site oficial da RCC – www.rccbrasil.com.br. Acesso em: 27 set. 2010.

qual um grupo de fiéis coloca-se diante de Jesus, sob a ação do Espírito Santo, para louvar e glorificar a Deus, participar dos dons divinos e edificar-se mutuamente.¹⁰

Ainda na mesma página afirma-se que O grupo de oração é uma espécie de núcleo indispensável da RCC, tendo como momentos distintos o “núcleo de serviço”, “reunião de oração” e “grupo de perseverança”.

Numa linguagem talvez mais objetiva, Pe. Alírio Pedrini (2005) fala que “grupo de oração é o conjunto das pessoas que decidiram reunir-se em torno do Senhor, uma vez por semana, para louvá-lo, ouvi-lo etc, [lembrando que] a reunião só existe naquela hora que os membros do grupo se reúnem.” (p.11)

II – III - O ESPÍRITO SANTO E SUAS MANIFESTAÇÕES

Em muitos documentos da RCC, livros e palestras, a entidade do Espírito Santo, na teologia católica a terceira pessoa do que se chama de Santíssima Trindade, aparece com muita força. Um membro da RCC a lançar muitos livros sobre o movimento, Pe. Alírio Pedrini (1998) ressalta que esse mesmo Espírito Santo “é uma Pessoa divina, concreta, real, com quem você pode ter amizade, manter relacionamento; cuja presença você percebe, uma Pessoa que lhe permite experimentar Sua ação, Suas manifestações, Seu poder.” (p.93).

A interferência clara dessa “pessoa” ainda que invisível na vida do fiel, membro e simpatizante da RCC é manifestada de diversas maneiras. Uma delas é o que se chama de repouso no Espírito. Através da ação do Espírito Santo, a pessoa simplesmente cai no chão, como numa espécie de desmaio. Ou seja, como exemplifica Pe. Antonello, outro membro da RCC, a pessoa

não agüenta mais; cai no chão e lá, uma vez que se abandona nos braços de Deus, Jesus pode operar

¹⁰ - Disponível em: <http://www.rccbrasil.com.br/interna.php?paginas=41> Acesso em 14 out. 2010.

a maioria das curas que opera quando na maioria dos repousos do Espírito, são curas interiores”.¹¹

Discursos parecidos com esse podem também ser encontrados em membros da RCC em muitos lugares. Essas manifestações do Espírito Santo só acontecem, segundo alguns interlocutores dessa pesquisa, quando a pessoa se deixa agir pelo Espírito Santo, pois caso isso não ocorra não pode haver a ação do Espírito Santo.

Quando se refere a batismo no Espírito Santo, pode-se dizer a mesma coisa que o repouso. Tal ato só poderá acontecer com a disponibilidade da pessoa para tal ação do Espírito na vida dela. Para a própria RCC, através de seus meios oficiais, como novamente em sua página oficial na *internet*:

‘batismo no Espírito Santo’ se refere a dois sentidos ou momentos. O primeiro é propriamente teológico. Nesse sentido, todo membro da Igreja é batizado no Espírito Santo pelo fato de ter recebido os sacramentos da iniciação Cristã. O segundo é de ordem experiencial e se refere ao momento ou processo de crescimento pelo qual a presença ativa do Espírito, recebido na iniciação, se torna sensível à consciência da pessoa.

Não há um ritual claro para essa ação, esse batismo se daria por uma forte experiência pessoal com o Espírito Santo, motivado por palavras, musicas e textos presenciados em alguns encontros, missas, shows católicos, dentre outros.

Através dessas duas experiências, do repouso e do batismo no Espírito Santo, Prandi (1998) destaca que “o sentido de ser carismático só pode [se] perceber a partir da crença [... no] Espírito Santo” (p. 45) e muito mais do que isso, na manifestação de seus dons. Nesse sentido, é pela ação do Espírito Santo, que existem os *dons carismáticos* e *dons naturais*.

O carisma significa graça, algo fornecido de forma gratuita, que vai além da vontade humana simplesmente.

¹¹ - Disponível em:

<http://www.cancaonova.com/portal/canais/entrevista/entrevistas.php?id=156->

Acesso em 23 out. 2010.

Referente aos dons, Prandi (1998) afirma que eles “não são concedidos por Deus para prestígio pessoal ou acúmulo de bens materiais, mas são destinados para edificação e crescimento do corpo de Cristo, isto é, a Igreja” (idem).

Segundo Higuete (1984), existe na RCC, ou ao menos é enfatizado pelo movimento, seis dons carismáticos: o da profecia, o dom da cura, dom de “línguas”, o dom do discernimento, da interpretação e da ciência. Os mais comuns, no entanto, são o dom de “línguas” e o de cura.

Antes de tentar entender um pouco o que significam esses dois dons carismáticos, ou carismas - esse termo chamado carisma é mais usado no sentido teológico como já lembrado -, é importante identificar como essas pessoas os adquirem. Remetendo novamente a Prandi (1998), seria apenas depois de muita oração, pedidos, que o Espírito Santo tomaria conta da vida da pessoa e os carismas seriam dados, pois é “preciso, por meio do convívio, “aprender” a ter dom, e deixa-lo manifestar-se.” (ibidem).

O dom de “línguas” é mais comum e o mais manifestado. Numa espécie de escala, é como se “falar em línguas” fosse um penhor direto de Deus. Também chamada de glossolalia, para a RCC,

o dom de “línguas” (ou como alguns chamam, “falar em línguas”) é uma forma sobrenatural de comunicação com Deus através do Espírito Santo, que é o doador deste carisma... Podemos usar este carisma quando sentimos grande entusiasmo e queremos glorificar a Deus, mas nossa mente não consegue “produzir” as palavras adequadas para expressar nossos sentimentos.¹²

Não é possível em nenhum momento identificar semelhança sonora entre a oração em “línguas” e qualquer língua reconhecida - como será analisado em outro momento -, principalmente quando ela é manifestada em grupo, pois

¹² - “O Dom de Línguas: A Glossolalia” disponível no site oficial da RCC <http://www.rccbrasil.org.br/artigo.php?artigo=773>. Acesso em 28 out 2010

nenhuma pessoa ora em “línguas” da mesma maneira, como nas fórmulas de oração já tradicionais no catolicismo.

A oração em “línguas”, segundo os carismáticos estudados por Prandi (1998), é o mais perfeito louvor, só conseguido, dado o fato do Espírito Santo retirar a pessoa das barreiras humanas. O Espírito não vai agir sobre todos, sendo assim, nem todos tem o dom, visto que se é algo de Deus, ele distribui conforme sua vontade.

No que se refere ao dom de cura, ainda que, segundo o estudo de Prandi (1998), sem uma preferência tão grande, por parte dos adeptos, como o dom de “línguas”, ele recebe um papel mais central na RCC no que diz respeito aos grupos de oração e nas missas, chamadas de missa de cura e libertação. No entanto, em sua estrutura hierárquica, a RCC possui uma espécie de secretaria para tratar especificamente desse assunto, é o chamado ministério de cura e libertação.

Esse ministério se classifica como sendo

o serviço prestado no grupo de oração, orientando seus participantes a buscar a cura e a libertação para si e para os seus, em Jesus, através da oração dos irmãos. O objetivo deste ministério é reacender a chama da fé no coração de todos, Jesus é o ontem, o hoje e sempre estará realizando seus milagres e derramando suas graças em cada um. Deus concede a seus filhos vida em plenitude em Jesus Cristo pelo poder de seu Espírito Santo.¹³

Essas curas e libertações podem estar relacionadas tanto aos males físicos quanto aos espirituais, sentimentais. Prandi (1998) lembra também que essas curas e libertações não têm um ritual próprio, no entanto, eles podem variar das mais diversas formas, tanto na sua condução, como execução. Geralmente o condutor desses processos de cura costuma nomear o problema e as pessoas que o possuem acabam sendo afetadas pelo processo.

Csordas (2008) argumenta que esses processos de cura e libertação, podem, de certa maneira, ser vistos ao mesmo tempo como formas de “etnopsiquiatria” e como “ritos de

¹³ - Disponível em <http://www.rccbrasil.org.br/ministerio-de-cura-e-libertacao.php> - Acesso em 23 out. 2010

passagem”. Etnopsiquiatria pelo fato de mesmo que o sofrimento seja mental, que possua um registro como sendo um sintoma mental, reivindicado pela psiquiatria, ele pode ter interpretações de outra natureza, tão válidas quanto a da psiquiatria. No que se refere a ritos de passagem, poderia ser mais relacionado ao caráter de libertação, ou seja, a pessoa sairia da vida maligna, onde estava com algum problema, e passaria a ter uma “vida nova”, podendo assim viver de forma diferente, passando do mal, do problema, para o bem.

Penso, assim como Csordas (2008), que “uma abordagem fundamentada nas próprias experiências e percepções de mudança dos participantes pode chegar a uma conceitualização mais pragmática de cura enquanto processo cultural” (p.95). No entanto, não é o objetivo deste trabalho tratar dos processos de cura e libertação dentro da RCC, ainda que alguns relatos sobre experiências desse tipo apareçam no decorrer da pesquisa.

II – IV – HIERARQUIA, COMANDOS E RELAÇÕES.

No mundo e no Brasil a RCC tem a mesma estrutura. Como fala o parágrafo único do artigo 4º do Estatuto do Escritório Administrativo da RCC no Brasil, “o Conselho Nacional da Renovação Carismática Católica do Brasil deverá ser composto pelo seu Presidente, pelos Presidentes dos Conselhos Estaduais e do Distrito Federal, bem como pelo presidente do Conselho que precedeu o atual.”¹⁴

O movimento deve ser obrigatoriamente presidido por um leigo¹⁵, assim como versa também o artigo 5º do capítulo II do mesmo estatuto, “a Presidência do Conselho Nacional deverá ser exercida por pessoa leiga, eleita pelo Conselho Nacional para um mandato de quatro anos, que deverá iniciar e terminar coincidentemente com o ano civil, podendo ser reeleita por mais um mandato de quatro anos.”

¹⁴ - Disponível em www.rccbrasil.com.br Acesso em 23 out 2010

¹⁵ - Nome dado para a pessoa que tem atribuições e responsabilidades dentro da Igreja Católica, em suas mais diferentes hierarquias funcionais, mas não é padre ou freira.

Numa complexa estrutura administrativa, a RCC se divide no Brasil em pelo menos 27 estruturas hierárquicas diferentes, desde os conselhos e comissões nacionais, estaduais, diocesanos, até chegarem aos Grupos de Oração, estrutura hierárquica responsável por outras três, o Núcleo do Grupo de Oração, os ministérios e outros serviços. Juntamente com essa estrutura e subordinação ao Conselho Nacional, existem algumas assessorias destinadas a alguns assuntos específicos, chamadas de ministérios. Em nível nacional eles são 14: Música e Artes, Comunicação Social, para as Crianças, Cura e Libertação, para as Famílias, Fé e Política, Formação, Jovens, Pregação, Promoção Humana, para as Religiosas, Seminaristas, Sacerdotes e Universidades.

A escolha dos membros dessa hierarquia geralmente é feita verticalmente, de baixo para cima ou, ainda que seja na lógica inversa, ou seja, quando as escolhas começam pelas bases, são as estruturas acima que homologam ou não as nomeações da base. As pessoas que assumem as funções nessas estruturas devem já ter passado por diversas experiências dentro do movimento, além de terem alguns, ou pelo menos um, dos dons do Espírito Santo.

Nos grupos de oração, a coordenação e condução dos trabalhos podem ser feitas tanto pelo coordenador do grupo ou, ele pode passar os trabalhos para determinado membro, desde que essa pessoa aja sob o controle do coordenador. O grupo de oração só é reconhecido como sendo da RCC se estiver devidamente registrado junto a uma das coordenações (diocesana, estadual ou nacional, dentre outras). Caso contrário, há uma grande fiscalização sobre as ações do movimento, afim de que elas se enquadrem nas normas e sejam reconhecidas a partir do cumprimento das diretrizes do movimento. Na insistência de grupos permanecerem na “ilegalidade” ou do não cumprimento sistemáticos das diretrizes, os líderes no movimento se articulam para que o padre local ou líderes maiores, até o bispo em alguns casos, interfiram a favor das normas do movimento. Essa possível intervenção, mostra por sua vez, que há um forte vínculo do movimento com os membros da hierarquia da Igreja Católica, não só pelo fato da RCC ser um movimento da Igreja, mas também pelo fato de alguns líderes quererem sempre encontrar maneiras de legitimar o movimento junto dela.

A relação do movimento com a hierarquia da Igreja no Brasil está longe de ser homogênea. A Igreja Católica no Brasil, através de seu organismo representativo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1994, cerca de vinte anos após a RCC chegar no Brasil, resolveu se pronunciar oficialmente sobre suas ações, através do Documento 53 – Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. Ao passo que o documento revela a concordância de que o movimento continue atuando, afirmando que “entre vários movimentos de renovação espiritual e pastoral do tempo pós-conciliar, surgiu a RCC que tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades” (CNBB, 1994, p. 7), também tenta desmitificar algumas coisas sobre o Espírito Santo, salientando que Ele seria importante para todos os cristãos, não somente para um movimento.

Algumas advertências e instruções normativas também foram expostas no documento, principalmente referente às nomenclaturas, publicações e aos eventos da RCC. Dentre as advertências estão: “evite-se na RCC a utilização de termos já consagrados na linguagem comum da Igreja e que na RCC assumem significado diferente, tais como pastor, pastoreio, ministério, evangelizador e outros” (idem, p.19). Dentre outras solicitações se encontram a de que os projetos do movimento devem estar em sintonia com a Diocese¹⁶ a qual pertencem, os convites a pessoas de outras dioceses para eventos devem ter autorização do bispo local, bem como a de que “os manuais de oração, livros de estudos bíblicos e de formação doutrinal, dada sua importância pastoral, tenham aprovação eclesial” (ibidem).

Para ter certeza que essas ações pudessem ser cumpridas e, ainda que sem intencionalidade comprovada, mantivessem um vínculo do movimento de forma mais forte com Igreja, a CNBB também normatiza que

a RCC assuma com fidelidade as diretrizes e orientações pastorais da CNBB. A Coordenação

¹⁶ - Circunscrição comanda por um bispo, membro da hierarquia da Igreja Católica, que mantém sob sua tutela um conjunto de paróquias situadas em uma determinada região.

Nacional da RCC terá um bispo designado¹⁷ pela CNBB, como seu Assistente Espiritual, que lhe dará acompanhamento e ajudará nas questões de caráter nacional, zelando pela reta aplicação destas orientações pastorais, sem prejuízo a autoridade de cada bispo diocesano. (ibidem, p.17)

Mas ainda assim, o tom final do documento tenta ser bastante conciliador. No documento a CNBB pede a benção de Deus sobre os membros da RCC e pelos que se empenham em organizar e comandar o movimento, afirmando sim que há uma legitimidade do movimento para com a Igreja Católica e sua cúpula no Brasil.

O que algumas análises vêm mostrar também, dentre elas a de Cabrera (2001), é que não houve na RCC uma luta pela desestruturação dos dogmas e das doutrinas do catolicismo, o que a fez paulatinamente ganhar respeito por parte do clero mais conservador. Ainda para a pesquisadora, a mudança estaria na forma de viver a crença e sentir a experiência. Vale destacar que “quase sua totalidade de membros (da RCC) provem de uma tradição católica, mas por diferentes motivos estavam alienados, afastados, da vida da Igreja, de Deus, da participação nas missas e atividades paroquiais” (p. 128, tradução minha).

II – V – ACERCA DA REALIDADE E DOS CARISMÁTICOS ESTUDADOS.

A prática dos membros da RCC, bem como as atividades do movimento na sua constituição e atuação, segundo aponta Miranda (1999), “nos oferece um farto material empírico para análise, através do acompanhamento do seu cotidiano [...] bem como dos eventos mais significativos que reúnem os católicos com ele identificados” (p.39). O que esta pesquisa se propôs desde o início também foi pensar um pouco, insistindo nas observações de Cabrera (2001), como “os carismáticos se

¹⁷ - Atualmente o bispo designado é Dom Alberto Tavera, arcebispo de Belém, no estado do Pará.

definem e percebem como católicos pertencentes à Igreja Católica e se ocupam [...] dentro dela.” (p. 129, tradução minha).

Nesse sentido ao estudar as práticas dos interlocutores, procurei entender os seus discursos e relacioná-los com as ações em suas vidas. Essa relação foi possível também através da “observação participante”, indo a grupos de oração e missas. Acredito, assim como diz Sousa (2005), que “meu discurso é resultado de confronto entre a alteridade por mim [e os atores envolvidos] construída e o rigor científico impresso no decorrer do estudo” (p. 31).

Quero agora falar um pouco de cada membro selecionado, para depois entender que relações foram sendo estabelecidas e que narrativas foram construídas. Joana¹⁸, separada do marido, é uma senhora de cerca de 70 anos, moradora antiga da localidade onde foi realizada a pesquisa. Participante das missas da capela¹⁹ situada perto de sua casa, onde ajuda a proferir as leituras nas celebrações, é assídua participante de um grupo chamado Apostolado da Oração, em quase sua totalidade composto de senhoras idosas. Desde criança participa das atividades da Igreja. Com a separação do marido, em 1999, passou a frequentar muito a casa do seu irmão no interior do Paraná e lá foi convidada a participar pela primeira vez de um grupo de oração. De lá pra cá, passou a se informar sobre as ações da RCC na região próxima de onde morava. Após encontrar alguns grupos de oração, passou a frequentar encontros promovidos pela RCC, missas, louvores, e até frequentar algumas escolas da RCC para formação de líderes do movimento. Hoje ela ajuda a coordenar um grupo de oração numa paróquia vizinha a sua. Também é serva²⁰ das novenas de Nossa Senhora Desatadora dos Nós, que em alguns lugares tem fortes vínculos com ações da RCC, como oração em “línguas” e repouso no espírito. No início Joana admitia que essas novenas possuem certa ligação com a RCC, mas depois afirmou que elas tem um estilo diferente do movimento, pois não há “oração em línguas” e os cantos não são os mesmos.

¹⁸ - Os nomes dos interlocutores nessa pesquisa foram trocados por nomes fictícios.

¹⁹ - Igreja que está sob a tutela de uma determinada paróquia.

²⁰ - Terminologia usada para as pessoas que organizam, juntamente com o padre, toda a estrutura das novenas de Nossa Senhora Desatadora dos Nós e se comprometem a fazer orações pelas pessoas que buscam ajuda.

Abigail, outra morada desde pequena da localidade, tem 50 anos, casada, segundo ela “bem casada”, tem um filho. Sempre foi apenas frequentadora das missas na comunidade onde mora, nunca participou de grupos, movimentos ou associações relacionadas à Igreja. Sua relação e simpatia com a RCC foi estabelecida pelas aparições do Pe. Marcelo Rossi²¹ na televisão, com seu estilo alegre e com músicas animadas. Para Abigail, a figura deste padre é que mais lhe chamou atenção, pois ela nunca havia visto um padre assim, “tão animado”. Com o convite de algumas amigas, com quem hoje perdeu o contato, passou a frequentar algumas missas descritas por ela como carismáticas. Aos poucos, sempre que podia procurava algum evento carismático para ir. Hoje participa de alguns grupos de oração e missas, além de fazer questão de afirmar que mantém o vínculo com sua comunidade, onde mora, através da participação das missas.

Outra interlocutora foi Izabel, uma das mais questionadoras das práticas da RCC. Mesmo sendo questionadora, sempre fez questão de dizer que participa e simpatiza com algumas práticas e gosta das atividades do movimento. Com 57 anos, casada, mãe de um filho, Izabel conheceu a RCC por volta de 2007, quando a convite de amigas começou a frequentar as missas em uma paróquia de Florianópolis, até hoje muito famosa pelas suas missas carismáticas²². Segundo ela essa missa é tão famosa que saiam ônibus cheios de pessoas da localidade onde ela mora em direção a igreja em que essas missas aconteciam. Com o passar do tempo e a implementação da Novena de Nossa Senhora Desatadora dos Nós em outra paróquia, Izabel também passou a frequentar essas atividades se tornando, assim como Joana, uma serva. Ela nunca frequentou um grupo de oração, mas faz questão de dizer: “*eu sou carismática sim!*”.

Um dos casais que entrevistei foi Robson e Priscila, casados há 12 anos, pais de três filhos, ele tem 41 anos e ela 35.

²¹ - Massarão (2002, apud SOUSA, 2005) argumenta que Pe. Marcelo Rossi, mesmo sem pertencer oficialmente a RCC é o seu “símbolo midiático”.

²² - Por insistência do aparecimento do termo carismático/carismática, em alguns momentos não se utilizará o termo “membro da RCC”, pois é pela terminologia carismático/carismática que são comumente conhecidos os membros do movimento ou eventos por ela organizados. Muitos os chamam também de católicos carismáticos.

Os dois, até conhecerem a RCC, tiveram experiências religiosas diferentes. Ele, vindo de uma família tradicionalmente católica, sempre frequentou as missas na comunidade. Priscila, por sua parte, mesmo tendo formação religiosa dentro do catolicismo, quase não participava de missas e nenhuma outra atividade religiosa na comunidade. Essa situação ainda que sem muita força gerava alguns conflitos e brigas entre eles, pois Robson sempre queria que Priscila o acompanhasse nas atividades da Igreja, coisa que ela resistia em fazer em muitos momentos. Certo dia, no ano de 2005, a convite de uma irmã de Robson, foram conhecer a tão famosa missa carismática. Segundo eles, aquele era um momento na vida do casal de extrema tristeza e desolação, pois Priscila sofria forte depressão, muitas enxaquecas, e Robson passava por pequenos problemas financeiros. Após participarem dessas missas muitas coisas mudaram na vida deles, até se tornarem membros da RCC. A história dessa adesão ao movimento será relatada mais tarde, juntamente com as dos demais interlocutores.

Claudio e Patrícia, outro casal interlocutor dessa pesquisa certamente são os mais inseridos nas diversas atividades religiosas onde moram. Eles são organizadores de grupos bíblicos, oração do terço nas casas, possuem funções em coordenações na comunidade dentre muitas outras atividades. No entanto, nem sempre foi assim, como veremos no próximo capítulo. Os dois estão casados há vinte anos e são pais de duas filhas. Claudio conheceu a RCC através das missas carismáticas de que participava no intervalo de almoço do seu trabalho, numa igreja na região central de Florianópolis. Após essa participação fez com que Patrícia também conhecesse o movimento e aos poucos se tornaram carismáticos e ativos participantes de diversas atividades do movimento.

Cada interlocutor, adepto da RCC, inserido no movimento, está localizado, pois, em “um território de significados, na qual a emoção adquire preponderância, embora o processo não seja homogêneo, nem quanto aos sujeitos, nem quanto aos grupos/classes sociais nas quais os indivíduos estão inseridos” (SILVEIRA, 2008, p. 33). Ou seja, essas pessoas, esses adeptos tem um “estoque” de vivências na sociedade que se torna parte integrante nas diversas histórias de contato com a RCC.

CAPÍTULO III – AS EXPERIÊNCIAS CARISMÁTICAS

III – I – UM ESPAÇO PARA O RELIGIOSO

A partir das experiências encontradas nessa pesquisa, e tendo como impulso as novas elaborações proporcionadas pela RCC, observou-se que aos poucos o movimento vai se tornando um sistema de doutrinas dentro de outro conjunto maior, o catolicismo. O que Hervieu-Léger (1990, p. 6, apud CARRANZA et al, 2009, p.50) mostra, é que os sujeitos buscam se adequar à maneira deles a esses sistemas. Surge dessa maneira a espontaneidade em relação à participação dos interlocutores estudados, pois eles não se enquadram nas regras e padrões fixos de pertencimento ao grupo que nomeiam. Alguns não são “registrados” em uma das esferas hierárquicas da RCC, mas fazem questão de dizer que são carismáticos.

Maluf (2005) mostra que “a permanência e a adesão, em longo prazo, [às atividades de um grupo] estão ligadas ao compartilhamento mínimo de valores e de sentidos” (p.511). Frente a isso, a satisfação observada nos interlocutores pela participação nas práticas da RCC, grupos de oração, missas e encontros, pode ser percebida pelas narrativas que remetem repetidamente a experiências de emoção, alegria, serenidade.

Dando continuidade ao pensamento, Maluf (2005) observa que “Hervieu-Léger, [afirma que,] em sua forma clássica, a experiência religiosa começa pela vivência emocional para posteriormente institucionalizar-se — e racionalizar-se” (p.510). Ao retomar a idéia de adesão, Maluf lembra que as narrativas desse mesmo processo de adesão são construídas pelos sujeitos, ainda que este não acredite em, nem pratique, absolutamente todas as coisas que são estabelecidas.

Essa lógica do processo de adesão sendo construída pelos sujeitos, demonstra que eles não estão procurando ser enquadrados por uma única lógica, como se esta fosse uma camisa de força. O objetivo, para os interlocutores que pesquisei, é, por meio das atividades carismáticas, como missas e eventos, ter encontro pessoal com Jesus, que em todos os diálogos mostrou ser um encontro sem formalidades, a fim de alcançarem coisas que muitos deles afirmavam não conseguir realizar sem essas atividades, como largar alguns vícios e atitudes ruins.

Nessa forma de pertencimento, onde em parte se consegue (re)configurar a participação conforme a vontade, é que o “religioso” encontra espaço no cotidiano e nas histórias de vida das pessoas estudadas. Durkheim (2003) quando trabalha com religião lembra que “o sagrado e o profano foram pensados pelo espírito humano como gêneros distintos, como dois mundos que não têm nada em comum” (p. 51). Durkheim também observa que “existe religião tão logo o sagrado se distingue do profano” (idem, p. 150).

O que acontece entre os interlocutores, de certa forma, problematiza a separação posta por Durkheim. Através de suas narrativas esses interlocutores fazem questão de transformar o profano em sagrado e não de simplesmente eliminá-lo: “*O meu dia é função de Deus.*” “*Sempre que posso encontro um espaço pra falar de Deus. Foi a RCC que trouxe isso pra mim!*”. O espaço, então, de contraste ao religioso que seria o cotidiano, se torna justamente o lugar para o exercício das práticas e experiências assimiladas da RCC. O exercício dessas experiências acontece na medida em que o indivíduo escolhe o que toma para si e o que não toma. Não há um simples enquadramento de uma camisa de força aonde se toma todas as regras e dela se vive numa ortodoxia. As escolhas do indivíduo permitem que a RCC, principalmente enquanto uma manifestação de aspectos religiosos atue no cotidiano do sujeito como “uma chancela de opções/experimentações” (SILVEIRA, 2008, p. 41).

III – II – PRIMEIROS CONTATOS, ADESÃO E MUDANÇAS: O INDIVIDUAL E O FAMILIAR

Em princípio vale entender o que poderia ser essa adesão à RCC, ou mesmo a adesão a esse aspecto religioso. No primeiro momento ressalta-se que quando trabalho com a idéia de adesão, não quero relaciona-la a idéia de conversão, pois, assim como afirma Silveira (2008), “no modo como os carismáticos empreenderam sua prática religiosa, permanece uma tensão entre o reforço da identidade via reavivamento da tradição e a experimentação” (p. 39).

A motivação para a adesão a RCC seria, para meus interlocutores, antes de tudo a “simpatia” pelas práticas, ações e

atividades, Num segundo momento, a motivação viria da frequente participação nos eventos, grupos de oração e missas e por fim a internalização das práticas do movimento no cotidiano social e religioso das pessoas. Muito mais do que simplesmente identificar quem é ou não carismático, me baseei, sobretudo, na presença desses três fatores, simpatia, motivação e internalização, para identificar se havia uma adesão à RCC. Esses fatores não acontecem necessariamente nessa ordem, mas há uma junção desses fatores, sendo alguns mais evidentes nos discursos e práticas de alguns do que de outros interlocutores.

Nem sempre o primeiro motivo dessa adesão entre os interlocutores foi o aspecto religioso, em alguns ele veio aparecendo a posteriori. Com Robson e Priscila, a adesão se deu por um momento de desespero:

Priscila: Eu estava com uma enxaqueca terrível naquele dia, acho que era por causa da forte depressão que eu estava vivendo, quase não conseguia trabalhar, não fazia quase nada, o Robson era quem cuidava da casa e das crianças assim que chegava do trabalho. Eu tinha uma tristeza forte. Naquele dia a irmã do Robson, sabendo de minha situação falou para ele me levar numa missa carismática que tinha em Florianópolis. Ele me convidou, no início eu não queria ir de modo algum, não queria ir toda deprimida num lugar assim. Mas de tanto ele me falar resolvemos ir. Era uma terça-feira a tarde, a igreja estava lotada, foi difícil conseguir um lugar pra sentarmos. Quando tudo começou foi algo maravilhoso, uma experiência muito boa. Aos pouco fui me sentindo melhor. O padre no altar profetizou minha situação, tenho certeza. Ele falou que alguém naquele lugar estava com uma dor de cabeça muito forte. O padre nem sabia que eu estava naquela igreja. Quando ele falou isso chorei muito, mas não queria que o Robson me visse assim. Quando o padre passou no meio da igreja com o Santíssimo²³ e tive a oportunidade de toca no Jesus presente naquele lugar tive a sensação de tudo o que era ruim sair de mim. No final da

²³ - Quando a hóstia, partícula feita de trigo e água, de acordo com o ritual católico se torna no Corpo de Jesus Cristo, a partir desse momento já pode ser chamado Santíssimo Sacramento, ou para muitos só Santíssimo. Quando esse Santíssimo é exposto e levado pelo padre no meio da multidão, uma partícula geralmente maior, já transformada no Corpo de Cristo através do ritual, é colocada numa espécie de receptáculo todo ornamentado, em alguns casos feito até de ouro, chamado ostensório.

missa o padre avisou que iria dar a benção individual para quem quisesse, no início eu não queria ir, mas o Robson insistiu, eu fui, mas sentia que algo me puxava pela perna pra não ir, mas mesmo assim acabei indo. Recebi a benção e na mesma hora eu caí no chão, estava de olhos fechados, o Robson disse que eu gemia muito, era estranho saber que estava assim. Depois da missa fomos falar com o padre, aquilo tinha nos assustado muito, eu nunca tinha sentido aquilo. O padre disse que aquele era o momento que eu tinha ganhado um coração novo. No mesmo momento o meu coração sentiu algo, era muito estranho, era uma espécie de emoção.

De certa maneira, foi a emoção que nesse caso tornou legítima a experimentação, porque “a experiência, na religião, tende a ser [...] uma experiência emocional, relacionada ao afeto, ao corpo e à subjetividade” (ORO, 1996, p.66). Com certeza, a partir daquele momento é que o emocional passou a movimentar a vida de Priscila e Robson. Ela dizia também que logo após aquela situação se sentia curada das enxaquecas e até mesmo da depressão. Logo depois de toda experiência é que souberam que aquilo de que eles haviam participado era uma missa de cura e libertação e que, mesmo sem saber como, Priscila havia sido curada pelo poder de Jesus.

Fica evidente que, assim como lembra Silveira (2008), e até já afirmado nesse trabalho, “o lócus [da participação na RCC] seria o encontro pessoal com Jesus que, para ser legítimo precisa ser despojado de formalismo [...] a espontaneidade, entretanto, faz parte do próprio processo ritual [...]” (p.40).

Com o outro casal, Claudio e Patrícia, a situação foi um pouco diferente. Cláudio somente participava das missas carismáticas na região central de Florianópolis, com o tempo é que tomou conhecimento do movimento:

Claudio: Comecei a participar daquelas missas, que o pessoal me dizia que era carismática, mas eu nem sabia o que era aquilo. Mesmo participando, aqui na comunidade, eu nunca prestava muito atenção nas coisas. Participei da primeira, por volta de 2004, era algo diferente, não sabia explicar exatamente o que era só sabia que eu gostava daquilo e passei a frequentar todas as quintas-feiras. Através de um convite feito

pelo padre naquelas missas, participei de um Louvor de Verão²⁴ e de lá pra cá nunca mais deixei de participar da Renovação²⁵. A Patrícia passou a ir aos poucos, ela ia sempre às missas aqui na comunidade, a levei para ir juntamente comigo na igreja do Pe. Alberto²⁶. Ela também teve a mesma sensação que eu, de estranheza, mas gostou bastante e aos pouco se deixou tocar pelas ações do movimento.

Patrícia: O Claudio sempre foi mais carismático do que eu, passei a ir por causa dele, mas minha vida teve uma mudança muito grande, as palavras do padre, dos pregadores, passaram a me transformar, eu comecei a agir diferente com os outros. Eu era muito ruim, era fofoqueira. Hoje cuido muito antes de falar de alguém.

Claudio: Eu também tinha hábitos ruins, eu bebia, fumava. Com a RCC descobri que o corpo é morada do Espírito Santo, é templo dele, por isso devo cuidar.

Com as outras interlocutoras as histórias de conhecimento e participação da RCC são parecidas. Em menor ou maior escala, a frequência e adesão ao movimento se deram pelas missas carismáticas:

Joana: Em 1999, logo após minha separação, meu irmão, achando que eu estava mal e precisando de ajuda, me convidou a participar na sua cidade, em Maringá, no Paraná, de uma missa carismática. Achei aquilo muito interessante, me fazia bem participar daquilo, era animado, o padre falava o que era preciso eu escutar. Falava que os errantes deviam mudar de vida, os fracos se fortalecerem. Logo depois daquilo perguntei para meu irmão se existia algo assim perto de onde eu morava, ele me disse que sim. Quando voltei pra casa, no dia seguinte passei a procurar onde existia missa daquele tipo, também encontrei alguns grupos de oração e passei a frequentá-los. A Renovação fez com que eu acabasse com alguns hábitos ruins, eu era muito consumista, comprava de tudo, hoje não dou mais bola para as coisas do mundo. Consegui, dentro de mim, dominar a inveja, a cobiça. Tudo isso

²⁴ -Evento organizado pela RCC da Arquidiocese de Florianópolis, geralmente na cidade litorânea de Balneário Camboriú – SC, a fim de também propagar o movimento, aproveitando também a época que a região sempre enche de turistas.

²⁵ - Nome pela qual também é popularmente chamada a RCC.

²⁶ - Nome fictício do padre para manter seu anonimato.

só consegui com o poder que encontrei nas palavras que escutei e apreendi com a Renovação. Meus filhos e filhas sempre me apoiaram em participar, hoje alguns deles com suas famílias até participam de grupos de oração, não de maneira tão frequente, mas participam.

Abigail: *Um dia estava com a televisão ligada e assisti o Pe. Marcelo Rossi num programa. Ele cantava músicas animadas, fazia o povo pular, levantar as mãos, foi bem nas primeiras vezes que ele apareceu na televisão, por volta do ano 2000. Aquilo era o máximo. Dias depois falei com uma amiga minha sobre aquilo e ela me disse que o padre era carismático, achei que quando ela falou aquilo, ela quis dizer carismático no sentido de simpático. Mas depois, no decorrer da conversa eu não me lembro bem, ela me disse que tinha missas carismáticas em Florianópolis, na mesma hora pedi para ela me levar. Combinamos o dia e ela me levou até missa. Lá pude ver a mesma animação dos cantos e do padre, assim como vi no Marcelo Rossi. Mesmo sendo católica, aquilo me tocou também, não queria que acabasse mais, era bom, eu me sentia leve. Depois de alguns meses é que descobri os grupos de oração, pois aquele padre sempre falava nas missas, até que comecei a participar. Hoje tenho muitos amigos por causa desses grupos e participo às vezes de vários grupos. A renovação me fez entender mais coisas da nossa Igreja Católica.*

Izabel: *Particpei sempre das missas da comunidade. Nunca faltei a um final de semana, só se eu fosse viajar ou estava doente. Um dia minha vizinha me falou que tinha uma missa carismática pra ir e perguntou se eu não queria ir junto. Ela estava organizando um ônibus pra levar o pessoal. Já tinha ouvido falar dessas tais missas, mas nunca tinha o interesse de conhecer. Ao participar da missa me animei, no início achei uma gritaria só, eles “rezavam em línguas”, eu não entendia nada, ainda não entendo e discordo, mas depois entendi que eram católicos como qualquer outro só que mais animados. Nunca particpei de grupo de oração, gosto de ser carismática assim, só participando das missas, se em nossa comunidade tivesse um grupo eu até iria, mas longe não. Minha vida se tornou diferente após as missas carismáticas que passei a frequentar, deixei de ser muito irritada com meu filho e meu marido, sou mais calma, isso a Renovação me ensinou. Sempre que posso vou às missas carismáticas, meu marido me leva, às vezes ele só me deixa lá, às vezes fica junto. Ele não*

me condena, me incentiva a ir, pois sabe que mudei depois que fui lá.

Nas narrativas fornecidas pelos interlocutores, o processo de adesão a RCC aconteceu de diversas maneiras, em alguns momentos mais pela simples simpatia, outros pela ação direta das atividades da RCC em suas vidas, principalmente no que diz respeito à saúde e “vícios”. Num primeiro momento houve um encantamento, mesmo que este tenha vindo após um pequeno estranhamento, como foi com Priscila. Logo após, veio a procura em participar com frequência das atividades do movimento e por fim, em alguns casos com mais evidência, mudanças e transformação de suas ações após a assimilação das práticas da RCC em suas vidas.

Com todos os interlocutores, em maior ou menor escala, eu havia pensado em traçar um limite entre o “ser da RCC” e o “participar do movimento”. No entanto, estabeleceria uma espécie de arbitrariedade que poderia simplesmente enquadrar os interlocutores desde fora. Na sociologia da religião, estudos como o de Souza (2005) classificam e marcam o que é “ser” carismático. Para ele “o critério que orientou a classificação de católico carismático [...] foi o pertencimento ou não a grupo de oração, [de acordo com sua análise] não basta se dizer carismático, é preciso ter práticas típicas de um católico carismático.” (p.44). Não acho oportuno, porém, classificar da maneira que faz.

Nessa pesquisa o ser, ou não, carismático não está ligado exclusivamente a participação em grupos de oração. Um dos motivos é que alguns interlocutores não participam de grupos de oração, mas, ainda assim, fazem questão de se afirmarem como parte do movimento, seja pela participação nas missas ou pelas orações que realizam fora das esferas hierárquicas da RCC. No discurso fornecido por Izabel, essa identificação fica nítida: *“Nunca participei de grupo de oração, nem pretendo, gosto de ser carismática assim, só participando das missas.”* Para ela, o pertencimento a um grupo de oração pouco importa, ser carismática, em sua concepção, é simplesmente participar das missas. Em todos os discursos, não foi o grupo de oração à porta de entrada para a RCC, mas foram as missas e algumas experiências que tornaram os interlocutores simpatizantes e adeptos.

Uma pergunta em relação a tudo isso, de certa maneira continua: mas para essas pessoas, o que é ser carismático? Se o participar de um grupo de oração para alguns pouco importa para ser carismático, onde estaria o “ser” carismático então? Não podemos novamente querer impor uma arbitrariedade. Como esse trabalho propôs, o objetivo é compreender o que os interlocutores entendiam e experienciavam sobre a RCC. Para alguns, ser do movimento é algo que se construiu e os transformou:

Abigail: Aquilo tudo era muito bom, as missas me tocavam, queria permanecer sempre ali, nunca mais queria sair, a partir do momento que participei da primeira missa acho que já me tornei carismática. Depois descobri que para isso precisa tirar alguns hábitos ruins da minha vida. Por não ter esses hábitos e amar mais a Jesus, acredito que somente por isso, ainda que nunca mais eu vá uma missa carismática, já posso dizer que sou carismática.

Joana: No início eu achava que só o grupo de oração me fazia ser carismática, hoje eu sei que ser carismática é muito mais, é fazer com que o Espírito Santo se irradie para todos, em todos os lugares, ser carismático é evangelizar.

Priscila: Desde que cai pela primeira vez naquela igreja, mesmo com medo, tive certeza que aquilo me transformou. Aqui em casa eu o Robson somos carismáticos porque somos mais humanos com as pessoas, vamos mais a igreja, rezamos mais.

O ser carismático estaria ligado em escalas diferentes a uma mudança de vida. Essa mudança de vida os fez carismáticos, desde o largar os “vícios”, velhos hábitos, a ganhar novas atitudes, como evangelizar, ser tornar mais “humano”. São estas características de mudança que fazem o perfil carismático.

As experiências, para alguns dos interlocutores, da ação de Jesus em suas vidas também moldaram o “ser” carismático. Isso se comprova em alguns depoimentos: “O que vivi na Renovação me fez estar mais ligada a Jesus” (Joana). “Foi a Renovação e o poder de Jesus que me tornaram mais responsável e aberta às pessoas.” (Abigail)

Num primeiro momento, foram as experiências individuais que tiveram papel central para essa adesão ao estilo carismático.

Entre os casais pesquisados a adesão ao movimento ainda que tenha acontecido primeiramente seja com o marido, seja com a esposa, é atualmente dos dois, há uma adesão conjunta ao estilo carismático. Em relação aos filhos desses casais quase não há narrativas, as que existem dizem que eles participam das atividades do movimento quando são “convocados” pelo casal.

Robson: A Priscila pôde sentir primeiro, todas as ações do Espírito Santo e da Renovação na vida dela, aos poucos sem saber como, parece que aquilo também passou pra mim, mas eu sabia que coisas que aconteciam com ela não aconteceriam comigo [...] Nossos filhos quase não participam, mas vão às missas carismáticas quando em alguns momentos convidamos, mas acho que eles ainda não entendem muito da Renovação.

Patrícia: Quando o Claudio participava, eu quase não queria saber. Depois, até mesmo por ele, pra ajudá-lo é que me tornei simpática do movimento, hoje realmente sabemos que a Renovação faz parte da nossa vida, tanto na minha quanto na dele sabemos o que a Renovação fez por nós.

Claudio: Nossas filhas sempre que podem nos acompanham, mas no fundo elas são boas, mesmo que não participam com frequência, elas nos entendem por essa opção.

Com as outras interlocutoras, a adesão é individual e única. Ainda que com tolerância dos demais membros da família, nenhum deles chega a ter a mesma efervescência que elas.

Joana: Nunca precisei dar satisfação pra ninguém do que eu faço ou deixo de fazer quando participo da Renovação. Meus filhos, como eu tinha te dito, sempre me apoiaram, participam um pouco, mas quem sabe um dia o Espírito Santo toca na vida deles com mais ardor.

Abigail: O meu marido achava estranho eu sempre sair de casa, mas passou a me apoiar, porque no fundo me tornei mais carinhosa com ele. Ele quase nunca foi numa missa dessas, acho que não tem muita paciência, mas sei que ele entende minha opção. O meu filho hoje é meio desligado dessas coisas de igreja, infelizmente não dá mais pra tocar na vida dele, mas ele é muito bom mesmo assim.

Izabel: Meu marido e meu filho não ligam pra minhas opções, mas é claro que mesmo assim eu dou satisfação pra eles. Eles até já participaram, mas não se importam se eu vou ou não, mas quem me leva sempre é um deles. Às vezes convenço de um deles ficar junto comigo. Mas mesmo que não ficam, sabem que “tô” fazendo o bem.

O interessante de observar é que a adesão desses interlocutores não gerou grandes conflitos na relação familiar. Ainda que alguns membros da família não tenham tido a mesma adesão, a transformação, já relatada por alguns, em suas vidas, através da RCC, fez com que a relação familiar também se transformasse para algo descrito como melhor.

Essas relações, tanto do externo/social (das relações sociais, familiares) e do interno/individual (crenças e emoções) se inter-relacionam, mesmo que antagonicamente em alguns casos e são alinhavados por uma gama de sentidos que, ainda que para mim, o pesquisador, possam ser complicadas de entender, para os interlocutores são totalmente compreensíveis e facilmente articuladas a partir de suas experiências dentro do movimento.

III – III – O INDIVIDUAL E O SOCIAL NO GRUPO DE ORAÇÃO

Para alguns pesquisadores, como já foi abordado, e até pelo que se apresenta no discurso oficial da RCC através de seus veículos de comunicação “o grupo de oração seria [...] como um [lugar] legítimo da manifestação/articulação da identidade “carismática”” (SILVEIRA, 2008, p. 105). Isso não quer dizer, para os interlocutores, que as práticas que não estão relacionadas a grupos de oração sejam ilegítimas, elas apenas são diferentes.

Joana que frequenta mais assiduamente os grupos de oração, me fez o convite para participar junto com ela de um encontro desse grupo numa capela na região central da cidade onde mora. Tendo sido Joana a única dos interlocutores a me convidar abertamente a participar, é através dessa experiência que pretendo relatar parte da dinâmica de um grupo de oração.

Cheguei sozinho no grupo, fui acolhido de forma muito simpática por um jovem que esperava as pessoas na porta, entrei na capela com pouco mais de dez bancos, e me sentei bem atrás, a fim de observar o que iria acontecer. Era como se houvesse já naquele momento um rito de entrada. Na expressão de Silveira (2008),

existe um ato simbólico que “marca” a vinda das pessoas ao grupo: consiste em receber com braços abertos e apertos de mão e expressões verbais [*“Deus te abençoe. Seja bem vindo!”*]. Esse rito expressa uma percepção: ali seria um outro lugar, um outro tempo (p. 114).

Joana identificou minha chegada, mas continuou no seu lugar, acredito que não por indelicadeza, mas pelo fato deles estarem rezando o terço.²⁷ Até aqui me parecia que o estudo de Prandi (1998) sobre os grupos de oração estava se concretizando também nesse caso, pois para ele “o primeiro momento de um grupo de oração é voltado para contrição, que na maior parte das vezes acontece com a reza do terço” (p. 62). De fato, em vários momentos do terço sempre havia pedidos perdão pelos pecados individuais e pecados do mundo: *Vamos pedir perdão pelas nossas falhas, nossos pecados que nos afastam de Deus, dos nossos irmãos [...] peçamos perdão a Deus pela maldade dos homens que tanto ferem as obras da criação.* (Joana)

Logo após a oração do terço, Joana convidou as pessoas a ficarem mais próximas umas das outras, eram cerca de oito pessoas ali presentes. A partir daquele momento percebi que Joana é quem estava assumindo o papel de liderança naquele encontro, ela indicava o que se iria ou não fazer naquele dia. Numa tentativa de não centralizar a atenção para si, a todo o momento ela perguntava se os demais participantes concordavam com o que era proposto.

Naquele instante, depois das falas dela, houve diversos cantos, um momento onde todos pareciam estar muito alegres, riam e gesticulavam conforme a letra da música. No final dos

²⁷ - Prática católica, reconhecida oficialmente pelo Papa, de devoção a Maria, mãe de Jesus, que consiste na oração de 50 Ave-Maria e 5 Pai-Nosso, intercalados em cinco momentos, chamados de mistérios, nos quais meditam sobre a vida de Jesus.

cantos, a alegria continuou quando Joana pediu para que as pessoas se cumprimentassem, abraços e sorrisos eram trocados simultaneamente, com expressões do tipo: “A paz de Jesus, meu irmão”; “Deus te abençoe nesse encontro”; “O Espírito Santo te dê muita luz.”

De repente, terminada a alegria dos cumprimentos e cantos, um longo silêncio foi iniciado no grupo, todos estavam de olhos fechados. A quebra desse silêncio aconteceu quando o mesmo jovem que me acolheu na porta, agora já participando das atividades, começou em voz alta a conduzir o momento dizendo:

Senhor manda teu espírito sobre nós, o Espírito Santo, para mudar nossa vida, mudar nossas atitudes, pra livrar-nos do mal e do pecado, manda Senhor, manda Senhor. [...] Meu irmão, minha irmã peça com todo clamor, mais uma vez perdão pelo seu pecado, faça mais um instante de silêncio e peça, Deus vai te ouvir.

Era mais um “momento de penitência” que o grupo fazia. O silêncio foi novamente quebrado quando o mesmo rapaz fortemente falou: *Amém*, que foi repetido por todos os membros no mesmo tom. Assim que mais esse momento, onde muito dos participantes clamavam a Deus para que perdoasse as faltas de cada um, foi concluído, Joana conduziu outro momento pedindo que os membros levantassem suas mãos para o céu e agradecessem em voz alta por tudo o que tinha acontecido de bom em suas vidas. Eram um coro de vozes que juntavam os mais diversos agradecimentos quase que aos gritos.

Num dado momento houve mais um repentino silêncio, que pouco tempo depois foi quebrado por Joana que começou a balbuciar palavras ininteligíveis. Ali pude presenciar pela primeira vez a chamada “oração em línguas”, que durou cerca de dois minutos. Os corpos das pessoas bailavam de um lado ao outro sem mesmo sair do lugar, as mãos estavam erguidas. No momento que Joana silenciou os demais silenciaram.

Com a conclusão dessa “oração em línguas”, Joana convidou todos a se sentarem e escutarem a leitura da bíblia: *Jesus vai nos falar mais uma vez hoje, vamos escutar o que ele tem a nos mostrar.* Ela não disse o trecho bíblico que estava lendo, mas percebi que as pessoas logo identificaram e abriram

suas bíblias e, como numa espécie de adivinhação, logo acompanhavam o que ela estava lendo. Terminada a leitura, Joana fez uma pequena palestra, o que ela mesma intitulou de pregação: *Quero nessa pregação, fazer com que a palavra de Deus chegue até nossos dias...* Esse momento, que também era intercalado por falas dos membros do grupo, durou cerca de 20 minutos.

Quando terminou sua pregação, Joana convidou as pessoas que quisessem, a fazer o seu testemunho de vida ou do que havia acontecido naquela semana e gostariam de partilhar. Um dos testemunhos que mais me chamou atenção foi de um rapaz, que havia chegado um pouco atrasado no grupo aquele dia:

Eu não queria vir hoje, sentia que algo errado estava acontecendo comigo, não era algo de Deus. Eu tinha preguiça tinha dor de cabeça, achava que devia continuar trabalhando em casa. Acho que era algo maligno que fazia ter essa preguiça. Depois parei pra pensar, vi que a Renovação e Espírito Santo são maiores que as forças negativas e agora me sinto bem melhor, novo pra seguir com minhas atividades, é como se um pequeno milagre tivesse acontecido em mim pra eu vencer o mal, agora nem dor de cabeça eu tenho mais.

Ainda que não tenham sido narrados milagres no grupo, o depoimento do rapaz cita a referida ação na sua vida como um milagre. A narrativa vai ao encontro do que Carranza (2000) observa quando afirma que “a RCC prega que milagres acontecem de forma geral e dá oportunidade que sejam narrados publicamente” (p. 102). Ainda que, segundo a autora, haja uma vinculação comum com o pensamento católico de milagres, nesta pesquisa não foi observada alusão a santos, frequente no pensamento católico, portanto essa relação acaba de certa forma sendo generalizada quando se refere a todos os casos de milagres no universo carismático.

Após os depoimentos, Joana convidou os membros a irem mais pra frente, perto de onde ela estava e fazerem um pequeno círculo, e eu também fiz parte daquele momento, ainda que não tenha realizado nenhuma atividade de oração. Ali, conforme Joana falou, seria o momento final do encontro. Todos estavam de olhos fechados, abraçados, quando Joana começa a

pedir a proteção e luz para aquele momento: *Senhor Jesus olha cada irmão aqui reunido, atende o clamor do coração de cada um, eu sinto que tem alguém aqui que está ansioso com o coração apertado, dá luz pra essa pessoa Jesus.* Ao concluir essas palavras Joana inicia novamente a “oração em línguas”, naquele instante entre uma fala e outra Joana entoava a “oração em línguas”. Cerca de quatro vezes só naquele momento aconteceu esse tipo de oração.

Num dado momento da fala de Joana, ela parece identificar algo em alguém mais uma vez, “... *eu sinto que tem alguém aqui que não está bem...*” Dias depois ela me confirmou que aquilo havia sido uma profecia, ou seja, ela disse que Deus a havia dado um sinal de que alguém estava assim naquele momento, mas que ela não sabia quem era, mesmo aquela pessoa não se manifestando, ela tinha a certeza que Deus havia tocado nela. Ela também relatou que aquilo era um dom dado pelo Espírito Santo para que pessoas, como ela, ajudassem os outros. Joana foi enfática ao afirmar era preciso não confundir a profecia com outras formas de manifestação, como adivinhação e mágica, pois atitudes desse tipo não são dadas de Deus através do Espírito Santo.

Joana: Esse dom da profecia é algo que ganhamos para saber o que está acontecendo naquele lugar sem que ninguém nos diga nada. Isso não pode ser confundido com adivinhação, nem mágica. É algo sério, nem todo mundo ganha esse dom, ele não vem a hora que a gente quer, temos que deixar Deus agir pela ação do Espírito Santo. Só faço isso quando ele age, mas eu tenho noção de tudo que está acontecendo, vejo todo mundo, posso te dizer exatamente o que aconteceu, a gente fica consciente, mas age por Deus. Eu falo essas coisas porque Deus não quer eu fique só pra mim.

A narrativa de Joana deixa claro que ainda que seja algo que ela pessoalmente tenha ganhado de Deus, essa função não poderia ser usada individualmente. A função deveria ser fornecida aos demais através de sua fala, ou, como ela mesma classifica, de sua profecia. Ainda que haja experiência individual no grupo de oração, como foi possível observar através do testemunho do rapaz, “na RCC, a fonte do carisma, do poder sobrenatural irruptivo ao presente, não seria a exclusividade de uma relação individual” (SILVEIRA, 2008, p. 93).

Terminado aquele momento, Joana deu avisos para o grupo, pediu que cada um rezasse pelo outro, a fim de pedir a santificação do amigo. Em seguida proferiu a bênção e todos aos poucos foram embora, logo após algumas poucas conversas entre si.

Diante dessa observação participante no grupo de oração, ficou claro para mim aquilo que Mary Douglas (1990) fazia questão de lembrar, que “não existem relações sociais sem atos simbólicos” (p.70). Essa evidência pôde ser observada já na chegada ao grupo, no estilo de acolhida e durante todo o encontro que durou cerca de duas horas. Diversos outros atos foram observados: o círculo, a mão erguida, o balançar do corpo, os testemunhos, etc. Essa relação do grupo enquanto parte atuante da RCC, nesse dado contexto, se dá pela execução desses referidos atos, num processo, por assim dizer, ritual. Ou seja, essa “ritualidade torna-se performance que organiza os enunciados verbais e corporais em “unidades” de significação” (SILVEIRA, 2008, p. 119).

III – IV – O FERVOR EM “LÍNGUAS”.

Foi no grupo de oração que presenciei pela primeira vez a “oração em línguas”. Já havia visto pela televisão, mas dessa vez era algo diferente, impactante, até mesmo pela forma que as pessoas manifestavam isso. Queria entender mais o que era aquilo, ao menos para meus interlocutores.

Parece-me que o desejo de saber a compreensão do outro sobre o “orar em línguas” era mútuo. Joana, que comandava o grupo de oração no dia em que presenciei tal prática, fez questão de me interrogar, no dia em que fui a sua casa, se eu sabia o que era aquilo que tinha acontecido. Assim que respondi que aquilo era a “oração em línguas”, ela me retrucou dizendo: *Não era somente isso, era a ação de Deus, por meio do Espírito Santo em nossas vozes, não fazemos isso por vontade própria.* Nos momentos em que ela me falava dessas atitudes sempre fazia questão de afirmar que aquilo acontecia, sobretudo, pela ação de Deus e do Espírito Santo.

Joana se enquadrar como simples instrumento para que uma entidade dela faça uso para manifestar essas atitudes,

mesmo ela estando consciente de tal ato, como já mencionado antes. Sobre essa ação Joana mesmo relata que ela sabe quando isso está acontecendo e quando vai ter tal atitude:

Joana: Eu começo a meditar sobre o Espírito Santo e de repente eu sinto a presença dele, sinto um calor forte, é muito bom, sinto arrepios, me controlo para que isso não me domine e começo a “orar em línguas”. Não sou eu quem quero sentir isso, gosto muito quando vem, mas não como um relógio que tem horário fixo, mas sei que é em algum lugar onde há outros carismáticos.

Abigail tem um relato parecido com o de Joana, no entanto ela não consegue controlar as sensações, ela também relata como isso aconteceu pela primeira vez:

Abigail: Eu estava numa missa carismática, era algo muito bom como nas outras vezes que já tinha participado. Num certo momento o padre começou a clamar o Espírito Santo, dizendo: “Vem Espírito Santo, vem em forma de pomba, vem com força...” Comecei a chorar muito, de uma maneira que eu não conseguia controlar e de repente parei e comecei a rezar daquela maneira, em “línguas”. Até hoje nunca sei o momento que vem, sei que é ação do Espírito Santo. Toda vez que eu rezo em “línguas”, me sinto com a alma lavada. Nos grupos de oração que participei em todos eles tem “oração em línguas”, no entanto, já rezei assim aqui em casa, quando eu estava sozinha. Todas às vezes eu sinto essa calor me dominar e do nada começo a rezar assim, no início eu não gostava daquilo, mas hoje deixo Deus agir.

Nesses relatos, ainda que haja uma relação entre as formas de sentir o momento de tal ato, não há, porém, uma convergência para o modo que eles sempre têm de acontecer, pois, de um lado, Joana destaca que essa ação só acontece na coletividade, enquanto Abigail afirma já ter manifestado o dom em sua casa, na sua individualidade. Outros relatos também mostram de que forma se manifestam essas “orações em língua”:

Robson: Eu simplesmente imito o que o padre fala, como participo pouco de grupo de oração, sei que é nas missas que

manifesto essas ações, mas mesmo imitando o padre, sei que é um dom que Deus me dá pra fazer isso.

Priscila: Eu nem sabia “orar em línguas”, só via o Robson orar assim e sabia que aquilo era um dom do Espírito Santo. Certo dia eu estava num retiro de “cura e libertação” estava concentrada pensando em coisas boas, não me lembro bem o que era, mas sei que eram coisas boas. Minha boca começou a se abrir, minha língua enrolar, os sons saiam de minha boca e não sabia como. Fiquei muito feliz, mais até do que se eu tivesse ganhado um carro, pois sabia que aquilo era o dom que estava sendo recebido por mim.

Até mesmo no casal o dom se manifesta diferentemente, para Robson não há nada de errado em repetir as palavras, para ele isso é também “orar em línguas”, pois essa repetição seria uma inspiração divina. Priscila por sua vez, assim como Joana e Abigail, afirma sentir algumas reações até chegar o momento de tal ato. No princípio pensei em relacionar todas essas reações a princípios de transe espiritual e pensar a partir dessa perspectiva. Como estou dando ênfase ao discurso e às práticas que os próprios interlocutores constroem, não caminhei pela perspectiva de transe. Os próprios interlocutores também não iriam me dizer que entravam em transe ou não, portanto preferi seguir sua própria classificação, quando eles diziam e entendiam estas reações como algo sobrenaturais. Muito deles, ainda que acreditassem veementemente que aquilo existia, frisavam que era algo sobrenatural. Conforme alguns relatos, tudo isso acontece mesmo sem eles saberem em que momento vêm as reações, mas, ainda segundo eles, é possível controlar e narrar cada passo do processo.

Outro momento em que presenciei de maneira ainda mais evidente a dimensão coletiva da “oração em línguas”, foi com o casal Claudio e Patrícia quando me convidaram para participar da missa, numa igreja em Florianópolis, que todos os meus interlocutores já haviam citado. Resolvi ir com eles, no mesmo carro, a fim de no caminho dialogar um pouco mais sobre esse e outros assuntos. Fomos cerca de uma hora e meia antes da missa começar, afinal Patrícia havia alertado: *“Precisamos ir cedo, a igreja sempre lota com essas missas.”*

Na chegada parecia uma igreja normal, como qualquer outra igreja católica, com a presença de imagens de santos,

água benta na entrada. Antes de a missa começar houve uma pequena animação, com cantos e louvores. Aos poucos a igreja ia enchendo, em pouco mais de trinta minutos, muitas pessoas já estavam sem conseguir entrar.

A missa começou com muitos cantos. Mesmo sem querer fazer uma etnografia da missa propriamente dita, destaco alguns elementos centrais. Alguns minutos após a missa ser iniciada, o padre pediu para que as pessoas fechassem seus olhos e levantassem as mãos para o alto. Como bem destaca Silveira (2008), ao falar das manifestações carismáticas, “de maneira geral são vários atos encadeados que formam uma sequência ritual” (p. 114). Naquele momento muitas expressões verbais eram enunciadas pelo padre: *“Não deixe de agradecer a Deus por estar aqui.”* *“Você é feliz porque Deus te ama.”* *“Você tem poder porque Deus te dá poder.”*

O padre é quem controla todos os atos ali, desde o início pude perceber a centralidade que ele assumia. Após todos esses momentos, de olhos fechados e mãos erguidas o padre afirma que é a hora do perdão, de todos pedirem perdão a Deus pelos pecados contra o próprio Deus, contra os irmãos e contra si, pois era o pecado que impedia de viver em Cristo. Com a absolvição que o padre profere, muitos pareciam chorar, mas percebi que Claudio e Patrícia não estavam chorando.

A missa prosseguiu com o momento de louvor, com palmas, gestos e alguns poucos até gritavam no meio da música: *“Aleluia Jesus.”* Conforme lembra Prandi (1998), ainda que não sejam com as mesmas palavras ditas pelo padre, “o sacerdote diz que o louvor é um momento muito especial no qual todos se entregam a Deus e agradecem a Ele tudo que são e tudo que têm” (p.65). Sem terminar esse momento ainda, o padre pediu insistentemente: *“Eleve sua voz a Deus, deixa agir, se abra nesse momento”*. Foi naquele momento que ele começou a “orar em línguas”, seguido por parte da multidão, parecia um coro de vozes onde não se entendia nada do que cada uma falava. Sempre o padre começava com essa oração para depois as pessoas que estavam na igreja “orarem” junto. Muitas pessoas que não sabiam “orar” daquela maneira ficavam em silêncio. O padre ia aumentando o tom de voz, era algo que não se repetia: *“iieriei, ocihin ialaiaieu achiberiali...”* (parte do que consegui compreender dessas orações). Entre uma oração e outra o padre ia dizendo: *“Deixe seu coração se abrir, deixe o Espírito Santo*

tocar, eleve sua voz aos céus”, logo após continuava, o momento era interrompido quando ele começava a entoar um canto ou diminuía gradativamente o tom de voz na oração. Em momentos diversos da missa essas orações eram entoadas sempre por iniciativa do padre.

A missa durou cerca de duas horas, sai bastante impressionado pelo que as pessoas, próximas dos lugares onde eu estava sentado, comentavam entre si: *“Nossa! Hoje realmente o Espírito Santo agiu em mim, me sinto outra.” “Como teve força essa missa hoje.” “Que benção, me sinto tão bem.”*

Ao me encontrar novamente com Claudio e Patrícia dias depois daquela missa, inevitavelmente entrei no assunto da “oração em línguas”. Claudio disse que nunca conseguia ter aquele dom, até que se sentiu muito feliz quando conseguiu: .

Claudio: Eu me sentia triste por não conseguir, até que um dia numa dessas missas o padre começou a “orar em línguas” e quando ele terminou percebi que mesmo baixinho eu continuava e de repente parei. Foi muito bom, acho que pelo barulho que tinha naquele lugar eu não percebi que eu estava orando daquele jeito. Hoje todas as vezes que oro assim eu sei quando faço, em que momento eu faço. É algo muito intenso dentro da gente, eu não sei te traduzir o que são essas palavras, mas pra mim não importa, sei que é Deus que age em mim.

Patrícia, ao contrário de Cláudio, disse nunca ter recebido esse dom, pretende receber um dia, mas nem por isso deixa de ser carismática:

Patrícia: Acho que um dia esse dom vai vir pra mim, pode ser que ainda eu não seja digna, mas vai chegar o momento. Mesmo assim eu amo a Renovação, ela faz parte mim.

Ao dialogar um pouco mais sobre essas missas, perguntei a eles sobre outras possíveis práticas carismáticas. Em outras missas que fui depois dessa que acompanhei Claudio e Patrícia, não ocorria manifestações e práticas da RCC, como repouso do Espírito Santos e expulsão de demônios.

Claudio: Realmente achei que mais coisas iriam acontecer naquela missa, mas acredito que a Renovação lá, já está numa

fase de consolidação, daí não há necessidade desses sinais com mais frequência como antes acontecia. Mas ainda acontece um pouco.

Ainda sobre a “oração em línguas”, há quem siga outro viés, o da discordância. Izabel acredita que essa oração é algo desnecessário e faz observações contrárias a tal ato, mesmo se considerando carismática:

Izabel: Eu não sei rezar assim, acho isso feio, não quero ter esse dom, não considero isso um dom. Acho essa manifestação errada, às vezes é uma gritaria sem tamanho. Quando quero conversar com Deus eu falo o bom português, sei que ele entende.

A partir dessa única manifestação pude perceber os graus e as forma de adesão a RCC. A partir da “oração em línguas”, considerada por Prandi (1998), um dos dons mais comuns dentro da RCC, pode-se observar que as práticas como essa na RCC não são determinantes para o “ser carismático”. O que determina a adesão é como a RCC age na vida dessas pessoas. Então, muito mais do que um movimento instituído, com regras e orientação pré-definidas, para os interlocutores desta pesquisa, a RCC é um conjunto de práticas que adquirem uma lógica em suas próprias vidas e que não necessariamente precisam seguir uma lógica institucional, ou seja, a lógica da coordenação do movimento.

III – V - A RCC NO COTIDIANO

Nas narrativas compartilhadas pelos interlocutores sobre a adesão à RCC, sempre estava explícito algo relacionado à mudança de vida. Isso demonstra que muito mais do que ter recebido, manifestado ou compartilhado os dons carismáticos é a implicação direta na vida de cada um que o faz continuar na RCC:

Claudio: Antes eu tinha vários problemas, bebia muito, não sei como Patrícia cuidava de mim e me amava mesmo assim. Eu vinha do trabalho e ia para o bar beber, eu lia muita coisa do espiritismo, achava que aquilo era bom, mas era ruim, hoje sei

que mudei de vida, a Renovação me fez ver que Deus quer muito mais de mim.

Patrícia: Realmente não foi só o Claudio, eu também mudei meus velhos hábitos, eu era muito renenta²⁸, implicava com coisas bobas, mas hoje sei que pela renovação nossa vida mudou muito, hoje a gente respeita muito mais um ao outro, o Claudio é mais atencioso.

Já nessas duas primeiras narrativas é possível identificar que a “experiência do Divino atravessa a dimensão existencial dos adeptos, [podendo] ser feita aqui e agora e sua finalidade é a busca da felicidade, do cuidado de si” (SILVEIRA, 2008, p. 65). Com o outro casal de interlocutores há uma relação de mudança parecida:

Robson: Nunca fui de brigar, mas mesmo assim, com a Renovação fiquei mais calmo, deixei Deus agir. Hoje ajudo mais nas coisas de casa, sou mais paciente, não reclamo de algumas coisas que antes eu reclamava com Priscila.

Priscila: Eu também mudei, também sou mais paciente, rezo muito hoje, não fico um dia sem rezar. Aprendi a força que a oração tem na minha vida, foi a Renovação que me mostrou isso, sem ela muitas atitudes ruins continuariam na minha vida, minhas angústias e tristezas continuariam.

Nas narrativas de Claudio e Robson é possível observar que os homens atribuem à RCC uma relação mais igualitária, de respeito para com suas parceiras, de certo modo uma relação de gênero mais igualitária. A adesão ao movimento e ação dele nas suas vidas rompem com padrões considerados por eles errados, principalmente nas atitudes com suas esposas, fazendo-os assim adotar novos padrões de respeito e cumplicidade. Com as outras interlocutoras, as mudanças foram principalmente no relacionamento com membros da comunidade, amigos e numa menor escala com os familiares:

Izabel: Com certeza as fofocas que eu fazia antes hoje não faço, apreendi com isso, a Renovação me mostrou que Deus

²⁸ - Sinônimo de irritada, pessoa que briga facilmente, que faz “cenas”.

não age em quem fala mal do seu irmão. Hoje controlo minha língua pra falar de qualquer pessoa

Abigail: Eu era brigada com uma cunhada, ela não falava comigo, era uma coisa antiga nossa. Depois que passei a frequentar as missas carismáticas, alguns grupos de oração, acho que Deus agiu em mim e fui me reconciliar com aquela cunhada. Hoje sou assim, não me irrita com ninguém, não consigo ficar de mal muito tempo com ninguém, nem em casa.

Joana: A Renovação me fez outra pessoa, hoje sei que mais nada acontece por acaso na minha vida, é ação do Espírito Santo, pois com a Renovação apreendi a me deixar moldar por ele. Minha vida é outra, com o movimento consigo ver no irmão o rosto de Deus, isso é maravilhoso, minha vizinhança é melhor, acho que por mim Deus está também agindo neles.

Que houve uma mudança, através da participação as atividades da RCC, ficou claro em todos os discursos, mas como, ou no que, o cotidiano dessas pessoas foi atingido é o que queria verificar. Claudio e Patrícia explicitam bem isso:

Claudio: Eu sempre gostava de andar com cigarro, nunca mais passo perto disso. Meu hábito hoje é andar com terço sempre. Quando estou no ônibus pra trabalhar sempre rezo, essa era uma coisa que pouco fazia. Eu era antipático às vezes, as pessoas observam que eu mudei. Não passamos um final de semana sem ir à missa aqui na comunidade.

Patrícia: Realmente, nossos dias são diferentes, temos uma vida renovada, isso aconteceu com Robson e comigo também, antes não queria saber quase de rezar durante o dia, hoje não passo nenhum dia sem rezar. Sempre que posso nas quintas-feiras arranjo um tempinho pra adorar o santíssimo.

Enfim, com Robson e Patrícia, Izabel, Joana e Abigail a situação se repete, e as ações que apreenderam, segundo eles, com a RCC se tornam presente em todos os seus dias e já fazem parte de suas vidas. Para alguns as atividades do movimento são prioridades em muitos momentos:

Robson: Mesmo participando da igreja aqui na comunidade, eu sempre tive um pouco de preguiça pra rezar, desde quando

participamos da Renovação e fomos às missas sempre rezamos, sempre pegamos um dia aqui em casa pra rezarmos juntos. Nunca mais comprei coisas do mundo, sempre que quero comprar penso em nossa família pra depois em mim. Nossas contas são pagas em dia, mas sem dúvida ofertamos parte disso a Deus, antes nada disso acontecia.

Priscila: Eu deixei de ser depressiva, quando estou triste visto roupas alegres, sou mais brincalhona, quando estou triste rezo muito, sempre que saio de casa pra fazer alguma coisa eu rezo sempre. Nossas amigas mudaram, agora estamos sempre perto de pessoas da Renovação, elas nos ensinam coisas boas e podemos falar mais sobre as coisas do Altíssimo.

Izabel: Sem dúvida só saio de casa agora acompanhada com o terço, não quero que as coisas do mundo me abalem, sempre que "tô" com medo eu rezo. Não fico mais uma semana sem ir às missas aqui na comunidade e na da Renovação, eu apreendi com eles isso, devo ir às duas missas sempre. Se eu perco uma das duas parece que falta algo em mim.

Abigail: Minha semana é em função da Renovação, tenho missas, adoração, grupo de oração. Agora que fiquei um pouco doente é que parei um pouco. Mas aqui em casa sempre rezo pelos carismáticos. Participo muito aqui na comunidade. Depois também que passei a ir à Renovação minha casa não tem mais um monte de imagem de santos só a cruz, parei de rezar pra esses santos todos, afinal, Jesus é o maior dos santos. Ainda bem que as pessoas da Renovação me mostraram isso.

Joana: Aqui em casa toda segunda-feira tem um terço que apreendi na Renovação, convido quem eu puder. A minha semana é quase toda da Renovação, terça-feira tenho os grupo de oração, nas quartas sempre que posso rezo pelos padres. No decorrer da semana sempre acho um tempinho pra adorar Jesus. A renovação me trouxe esses hábitos, mesmo com minha idade não deixo de louvar o Senhor e participar, sempre que posso, de todas as atividades da Renovação.

A incorporação dessas práticas no cotidiano desses membros seria a partir de um passado, quebrando velhas ações e práticas, como a tristeza, vícios e infelicidade, para instaurar um plano de ações pautadas na realização interior. As trajetórias vão, assim, sendo construídas a partir de experiências que os

sujeitos instauram no seu cotidiano e as responsabilizam pelas transformações positivas que delas advém.

O passado que os mantém com atitudes indesejáveis é para onde não querem retomar, por isso esse cotidiano se pautaria por essas novas práticas “apreendidas” através do movimento. O que leva a “um nível de interiorização de compromissos éticos que implicam a internalização de valores” (PRANDI, 1998, p. 137).

Como lembra Maluf (2005), as diferentes narrativas amontoam-se e entremeiam-se; sua junção elabora uma história, ou histórias, desenvolvidas ao longo dessa pesquisa no trabalho de campo. Para Maluf, ao tomarmos “o discurso narrativo em seu significado mais abrangente, [...], confrontamo-nos com vários feitos de narrativas que [...] se constroem em torno de um núcleo narrativo (ou dramático)” (p.153). No caso de meus interlocutores, parece que este núcleo se constrói em torno de uma noção de internalização dos valores expressados pelas práticas da RCC e que se tornam parte integral de suas experiências cotidianas.

Segundo os interlocutores essas experiências seriam também a passagem de momentos. Momentos esses que se originam no âmbito pessoal, onde o “eu” é atingido pelas práticas e, logo após se tornam coletivos na medida em que são experienciados na presença de muitas pessoas, em grupos de oração e missas. Esses momentos chegam ainda na esfera familiar ao passo que se relata a mudança de algumas atitudes, brigas, discussões, impaciências e por fim tenta se inserir no contexto institucional da paróquia onde participam, a qual não tem ainda nenhuma atividade da RCC.

CAPÍTULO IV - O ESPAÇO DA RENOVAÇÃO

IV - I DUAS PRÁTICAS, UM CATOLICISMO

Os interlocutores selecionados, como já lembrado, transitavam e transitam em duas realidades dentro do próprio catolicismo, a carismática e não carismática ou tradicional, como mesmo alguns dos interlocutores chamavam. Os membros não abandonavam o tradicional, para eles aquele era o original e importante, sobretudo para manter uma identidade católica. Para os interlocutores o tradicional seria representado pela igreja da comunidade onde moravam e o carismático por outros lugares onde participavam e onde tinham práticas da RCC.

Abigail: Não deixo de participar aqui da comunidade, aqui é meu lugar, sou daqui, mesmo não tendo missa carismática ou grupo de oração, sou carismática e sou das missas tradicionais, se minha comunidade é assim tenho que aceitar.

Izabel: Nossa comunidade é muito especial, amo participar daqui. Nas missas da Renovação eu vou simplesmente me abastecer um pouco mais. Aqui é muito tradicional, nas missas carismáticas é mais animado, então pra não ser só um demais e ficar fanática vou aos dois.

Patrícia, Claudio, Priscila e Joana, além da frequência às missas carismáticas, têm funções e atividades na comunidade onde moram. Patrícia e Claudio são responsáveis pelo Dízimo e ajudam na distribuição da eucaristia. Priscila é catequista. Joana, como já visto, participa do Apostolado da Oração e ajuda na preparação de algumas missas. Muito mais do que simplesmente transitarem entre essas duas formas de catolicismo, eles tem um vínculo com a comunidade, com o catolicismo tradicional, até mesmo mais forte em alguns casos do que com a RCC. O interessante é que esses vínculos maiores se estabeleceram, em parte, pela adesão ao movimento:

Patrícia: Nossa comunidade é aqui [se referindo ao lugar onde moram], gostamos de ser carismáticos, mesmo nossa paróquia não sendo, não deixamos de colocar em prática aqui o que apreendemos nas atividades carismáticas que participamos.

Joana: *Eu sou católica, acima de tudo, só que participo de duas formas de entender a Igreja, uma mais animada, com fervor, outra mais formal, sem muita animação. Minha comunidade de fato é aqui, mas também sou daquelas que frequentam fora daqui.*

Priscila: *Foi a Renovação me fez ser mais firme aqui, pois mesmo aqui não tendo Renovação o que importa é que eu sirva Deus onde Ele estiver e sinto que aqui é um lugar que preciso servi-lo.*

Mesmo que esses interlocutores carismáticos não recusem a identidade católica, muito pelo contrário, pois fazem questão de afirmá-la a cada instante, sua adesão a RCC estaria marcada por uma mudança de práticas cotidianas, como já visto, o que pode representar também uma quebra com o passado e engendramento de novas maneiras de compreender o mundo, até mesmo o mundo religioso. Não haveria assim um rompimento com a, ainda que limitada, “bagagem” religiosa que possuíam, pois ela estaria sendo (re)construída a tal ponto desses interlocutores se vincularem ainda mais ao catolicismo tradicional que eles já conheciam, mas com o qual não tinham vínculos maiores, como têm atualmente.

IV – II LEGITIMANDO O JEITO DE “SER” CARISMÁTICO

A vinculação que eles mantinham com a comunidade, era no mínimo curiosa. Gostaria então de entender o que fazia com que não houvesse esse rompimento, se seria só por se identificar também com o catolicismo tradicional ou uma forma de se legitimar. Aos pouco pude perceber o que ia se apresentando nas narrativas desses interlocutores:

Priscila: *Muitos têm preconceito por sermos carismáticos, ainda mais aqui na comunidade, pois quase ninguém daqui é carismático, só existe uma comunidade na paróquia, mas mesmo lá eles sofrem preconceito. O pessoal daqui não entende nossa fé, além disso, acreditam que somos fanáticos, mas eles parecem que não sabem que ajudamos a comunidade quando ela precisa.*

Abigail: Nossa comunidade ainda tem gente que acha que a Renovação é coisa de evangélico, outra igreja, mas não é, somos católicos, por isso faço questão de participar aqui pra mostra isso pra eles. Às vezes até gosto mais daqui do que das atividades do movimento.

A participação dessas interlocutoras na comunidade, segundo elas, as legitima como membros da comunidade local, a fim de romper com os preconceitos que, também segundo elas, existem em relação a suas adesões à RCC. Com o casal Claudio e Patrícia, a legitimidade se deu por ação do padre. Eles contam que participavam da missa, isso já depois de aderir a RCC, até que certo dia, por indicação de outro casal, o padre da paróquia os convida para serem ministros da eucaristia²⁹. Para eles, esse fato fez com que muitos passassem a respeitar a RCC:

Claudio: Ser ministro da eucaristia é algo muito importante, não é qualquer que poder ser. Tem de ser alguém de muita fé, jamais imaginei que o padre fosse nos convidar. Nem sei como isso aconteceu.

Patrícia: Ele sabia que nós eramos carismáticos, mesmo assim ele nos escolheu, até hoje não perguntei pra ele o motivo. Esse casal amigo nosso disse que um dos motivos foi porque ele sempre nos via junto nas missas. [...] Com isso, muita gente ainda que tivesse falado mal da escolha dele, passou a falar menos mal da Renovação, nossa escolha fez com que a Renovação fosse mais respeitada, ainda que alguns não gostem.

Para o casal essa função adquirida pôde também ser um passo para legitimação e instauração do movimento na comunidade, pois era muito importante alguém adepto da RCC assumir um posto assim na comunidade. Sendo assim, iniciar um grupo de oração talvez não fosse muito difícil:

Claudio: Achávamos que nunca seríamos ministros. Hoje se a Renovação é vista com outros olhos, daqui a pouco poderemos

²⁹ - Ajudantes do padre na distribuição da partícula transformada, segundo a tradição católica, no Corpo de Jesus.

iniciar um grupo de oração aqui na comunidade, basta irmos com ajuda de Deus conquistando o apoio de alguns.

IV – III – EM BUSCA DE UM ESPAÇO

Com o desenrolar de várias conversas com os interlocutores percebi também um interesse deles na pesquisa, principalmente quando um dia, na casa de Abigail ela recebe um telefonema de Priscila que atende na minha frente.

Abigail: Isso mesmo, ele [nesse caso era eu] está aqui na minha frente, estou relatando tudo pra ele, quem sabe ele nos ajuda nessa luta pra trazer a Renovação pra cá. [...] Oh! Não vá falar nenhuma besteira.

A partir daquele momento ficou claro pra mim que havia sim entre os interlocutores, que já se conheciam, um movimento para trazer a Renovação para comunidade, principalmente através de um grupo de oração, como Claudio já havia falado. Para alguns deles, como para Abigail e de certa maneira para Priscila, eu poderia ser fundamental para isso, até mesmo pelo fato d'eu participar de algumas atividades na igreja da comunidade. Diante disso fui procurando observar de que maneira a relação entre a vontade deles, do padre e de outras lideranças ia se construindo para conseguir o espaço que eles almejavam.

A lógica de Prandi (1998), de que o movimento “logo encontrou na hierarquia da Igreja apoio indisfarçado” (p.159), nesse caso não aconteceu. Joana me falou que há uma ação do “mal” em algumas pessoas que não aceitam a RCC:

Joana: Eu sei que pelo padre ele até queria, mas tem gente que não parece trabalhar pra Deus, agem como se fossemos do mal. Estamos trabalhando para Deus. Obedecemos ao padre e ao que ele nos delega fazer na comunidade.

Izabel: Um grupo de oração na nossa comunidade seria bom. Longe daqui eu já disse que não vou. Seria uma benção de Deus se tivesse um grupo, quem sabe ajudaria mais. Muitos fiéis poderiam voltar pra igreja.

Abigail: Seria muito bom um grupo de oração aqui. Muita gente que participa em outros lugares participaria aqui também. Não tenho dúvida que um dia vamos ter esse poder. A Renovação vai ter o poder de trazer muitos fiéis pra nossa comunidade. Eu sei que Deus vai nos dar esse poder.

A lógica de Sousa (2005) aplicada aos interlocutores que têm função na comunidade pode ser testada aqui. Para o autor, “algumas vezes as exigências dos padres para que os membros [da RCC] assumam compromissos paroquiais, é uma tentativa de esvaziar a experiência [das pessoas]” (p. 130). No entanto, não é possível identificar, segundo os interlocutores, uma exigência do padre para que eles assumam tais atividades. Além disso, as atividades assumidas na paróquia não são encaradas como sobrecarga, mas uma forma de ganhar respeito.

Essa idéia de ganhar respeito está relacionada à fala de Abigail sobre “poder”. Por um lado ela está dizendo que a RCC terá o poder de produzir carismáticos no local onde mora. No entanto, ao mesmo tempo, o poder da RCC de “criar” carismáticos está ligado ao poder dos sujeitos (re)criarem a RCC através de sua participação. O discurso de Abigail enfatiza, pois, um movimento apoderado por Deus, pois é Deus que através do dom revela o pertencimento à RCC, permite a condução do poder, a força da RCC. Com isso é possível pensar o poder como um dom, sendo, pois o sujeito o condutor dele. Foucault (2008) pensa o indivíduo como fruto do poder, e defende que o mesmo indivíduo não é constituído fora do poder, o poder se mantém, ele “não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (p.8).

Os sujeitos ao narrarem suas experiências, apontam para o seu “poder”, para os processos através dos quais são (re)constituídos dentro da RCC e, ao mesmo tempo, apontam como suas práticas são o que constituem a RCC enquanto movimento. Essas narrativas apontam para o aparecimento nos interlocutores da intenção de uma conquista de espaço.

Esses espaços para alguns seriam lugares para que a Renovação mostrasse sua “ação poderosa” de trazer as pessoas para igreja.

Priscila: Já conversamos com o padre, mas tem um grupo acho que é muito resistente à Renovação. Se continuar assim vamos perder cada vez mais fiéis. Precisamos de algo novo aqui, precisamos deixar o Espírito Santo tocar. Acho que só pela Renovação a igreja vai trazer mais gente, com os grupos de oração, que são uma bênção e as missas carismáticas.

Pela fala de Priscila, assim como Prandi (1998) destaca num depoimento de suas pesquisadas, “o único meio dos católicos voltarem ver suas igrejas cheias é por meio da afirmação da Renovação Carismática, como principal opção no catolicismo” (p.121). A Renovação seria, por assim dizer, a alternativa às ações que estão dando errado na conquista de fiéis.

O espaço institucional e o reconhecimento de um grupo de oração pela comunidade, mesmo que não tivesse sido conquistado, não significou a não realização de algumas atividades carismáticas. Ainda que “informais”, ou seja, encontros, reza do terço, o juntar-se para ir às missas carismáticas, foi sendo constantemente articulado. Sendo assim, esses adeptos configuram também suas práticas mesmo sem um espaço institucional reconhecido e, atraem novas pessoas para assim avolumar o conglomerado de simpatizantes na comunidade, ficando para alguns, a partir desse volume, insustentável a contínua negação do movimento por parte das lideranças contrárias.

Joana: Muitas pessoas participam das atividades que a gente faz, os terços, encontros de amigos, ali a gente fala da Renovação, convidamos as pessoas para participarem das missas carismáticas, mas dizemos para elas não deixarem de participar aqui na comunidade. Temos o cuidado de não ficar falando só da Renovação para as pessoas não enjoarem.

Claudio: A gente faz um encontro ou outro, sabemos que isso não é grupo de oração, nem temos autoridade pra isso, ainda mais que o padre ainda não aprovou. Mas algumas pessoas estão se encantando pela Renovação, algumas até catequistas e lideranças da igreja. Acho que aos poucos e com o apoio dessas pessoas eles não vão mais negar.

Mesmo na busca permanente desse espaço de atuação “carismática” na comunidade, como lembra Benedetti (2001), o movimento, mesmo por suas práticas somente, “cresce “espontaneamente” com grupos formando-se à revelia dos próprios padres, organizando suas reuniões nas casas, quando as igrejas não lhes são concedidas” (p. 55). O espaço nesse momento então seria em princípio a não dispersão do grupo, a forma de mostrar sua organização:

Robson: A gente se une, não ficamos cada uma no seu canto, se fosse assim seríamos carismáticos espalhados, mas com essas atividades a gente mostra união para podermos um dia implantar a Renovação com pelo menos um grupo de oração.

Outra forma de mostrar que se tem capacidade para atuar nesse espaço que querem ocupar é a forma contínua com que também fazem questão de afirmar sua catolicidade. Abigail consegue deixar isso bem claro:

Abigail: Sempre fui católica, amo minha igreja, o que descobri é que existe uma forma diferente de ter minha fé. Muita gente não entende isso, nós carismáticos somos católicos, amamos a igreja e obedecemos às ordens do padre quando elas são ditas. Não seria diferente se tivéssemos um grupo de oração, mas mesmo não tendo amo nossa comunidade.

Já há um espaço ocupado pelos os interlocutores, ainda que não tenha sido ainda alcançado o seu objetivo. O espaço ocupado, acredito eu, é, antes de qualquer coisa, dentro do catolicismo, do reconhecimento por parte daqueles que não gostam, que suas práticas estão permeando o território da comunidade. Mas o espaço a ser conquistado parece ser o institucional, pois na prática suas ações são executadas, mas não aprovadas oficialmente por parte das lideranças locais para que possam atuar.

Como lembra Danièle – Hervieu Léger (2008), essas pessoas reclamam seus benefícios por serem católicos e participantes da comunidade, no entanto, “reclamar seus benefícios é, para qualquer grupo, aceitar colocar-se a si mesmo na dependência desse sistema” (p.229).

Claudio: Hoje a gente se movimenta da maneira que pode, mas o que queremos é só formar um grupo, a gente sabe que precisa obedecer ao padre para depois de implantar, poder continuar, estamos conscientes disso. Queremos também que as outras lideranças aprovelem as ações da Renovação para assim trabalharmos juntos pela comunidade e não separados.

Um espaço institucionalmente reconhecido pela igreja da comunidade, passaria a partir desse momento, a ser o espaço da regulação, dos valores e ações carismáticas, que para eles estavam sendo praticadas sem qualquer intervenção, seria, então, a obtenção do lugar para o exercício do direito que reivindicam, sobretudo por serem católicos, o objetivo perseguido. Esse espaço seria a oportunidade de também, enquanto movimento instituído, naquele contexto, traçar uma cooperação para gradativamente obterem não só o espaço, mas cada vez mais respeito de todos.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Examinados o olhar, ouvir e escrever,
a que conclusões podemos chegar?
(CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 31)*

Traçar grandes conclusões ou teorias sobre as narrativas que foram construídas pode parecer forçado quando se buscou o tempo todo interpretar a visão do outro. No entanto, há quem diga que qualquer interpretação não foge totalmente de ser, por si só, conclusões sobre algo. Por meios dos elementos que os próprios interlocutores iam fornecendo é que essa pesquisa foi sendo direcionada. Em muitos estudos sociológicos, e até mesmo antropológicos, diversos outros elementos são abordados, só que aqui os elementos carismáticos foram delineados e construídos pelos pesquisados que fazem parte da RCC. Aquilo que se tornou importante para a análise foi, de certa forma, pautado pelos próprios interlocutores deste trabalho etnográfico, desenvolvido em um contexto social e religioso particular.

O que esses católicos carismáticos narravam a cada instante abria portas para que essa pesquisa fosse entrando e descobrindo elementos muito mais contundentes do que se fossem realizadas meras entrevistas formais. Estar presente na vida dos pesquisados e durante um período delas fazer parte, conversar, estar à mesa nas refeições com eles, escutar cada palavra que surgia sem que fosse necessário fazer perguntas o tempo todo, foi um processo que aos poucos foi transformando o informante em “interlocutor”. Como lembra Cardoso de Oliveira (2006), é dessa maneira que um novo relacionamento é construído entre o antropólogo e seus interlocutores. Um relacionamento que não é simplesmente um diálogo em busca de respostas pontuais.

A intervenção - ou seja, o recorte, a escolha, etc. - é inevitável não só no campo, mas também no momento da escrita. Afinal, “o escrever etnografia é uma continuação do confronto” (CRAPANZANO, 1977 apud CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 33), confronto entre diferentes estilos culturais que se inter-relacionam com o observador e seu objeto de estudo.

Foram inúmeras folhas de anotações, de coletas das narrativas que aqui tiveram a intervenção do pesquisador, pois se assim não fosse inúmeras experiências poderiam ser manifestadas e o trabalho poderia perder o seu objetivo principal, de entender como se estabeleceram e continuam a se consolidar as práticas carismáticas na vida dessas pessoas em seu cotidiano. Como lembra Maluf (2005), “o trabalho de interpretação consiste em reunir, em uma mesma configuração, os elementos dispersos da experiência do sujeito” (p. 516). Foi isso que busquei durante essa pesquisa à medida que desenvolvia minhas interpretações sobre as interpretações e narrativas dos sujeitos.

O campo também me permitiu a presença em atividades carismáticas que jamais poderia imaginar frequentar, como grupos de oração, missas carismáticas. Ali pude perceber também que para muitos essas atividades são momentos onde eles podem fazer coisas que em outros espaços possivelmente não fariam, como levantar as mãos, cantar alto as músicas religiosas, balançar os corpos de um lado a outro, mesmo que ali fosse na coletividade.

A permanente idéia de mudança de vida foi central em boa parte dos discursos e em grande parte da pesquisa. A ação que a RCC havia imbricado na vida de cada interlocutor era por assim dizer, de acordo com a lógica dos mesmos, algo que jamais poderiam vivenciar se não conhecessem o movimento.

A presença do movimento e a execução de suas práticas não só no cotidiano “profano”, mas também naquele mais explicitamente enquadrado formalmente como religioso - que para muitos, em certas dimensões, perdiam seus limites e se interpenetravam um ao outro - era configurado de acordo com as suas capacidades e vontades. Essas vontades, por sua vez, iam além das - e por vezes não se importando com - orientações instituídas pelas lideranças do movimento. O importante é que a RCC era significada para cada um a partir das experiências que faziam parte de suas vidas e não por simples normatizações. Além disso, muitas coisas em suas vidas passaram, a partir de então, a serem reguladas pelas mudanças e práticas advindas dessas adesões pessoais à RCC.

Ao olhar a RCC e suas práticas não através de seu discurso institucional, mas a partir das ações e dos discursos produzidos pelos sujeitos, o estranhamento e conhecimento do

movimento e suas implicações no cotidiano, foi possível identificar o que esses discursos queriam produzir. Foi possível também, aos poucos, ir identificando se as práticas eram significativas ou não e de que maneira eram/tornavam-se significativas, e como se reproduziam e eram compartilhadas, legitimadas, reconhecidas no espaço em que procuravam atuar de maneira institucional. Foi possível observar que, muito mais do que simples práticas rituais, o “ser” carismático era, sobretudo, um modo de se colocar no mundo, nas relações sociais e religiosas. Para assim, renovar atitudes e práticas que para a “realidade carismática” na qual viviam não faziam mais sentido persistir.

Minha pesquisa, contudo não busca criar, de acordo com a lógica de Max Weber, um tipo ideal do que é “ser” carismático. Alias esse nunca foi objetivo principal da pesquisa, que perseguiu foi muito mais do que isso, ao buscar entender o papel que as práticas da RCC assumiam na vida dos interlocutores e como eles agiam a partir da adesão a essas práticas.

As características do novo “ser” religioso, do novo “ser” social que esses interlocutores colocavam como advindas da RCC, criavam para eles, de certo modo, uma necessidade de fazer com que outros experimentassem as mesmas práticas. Essa experiência produz uma espécie de proselitismo religioso e leva à busca de um espaço para que as ações do movimento, agora sim de maneira institucional, possam atuar por meio de um grupo de oração.

A internalização das experiências advindas das práticas se tornou tão forte para eles que era preciso consolidar na comunidade mais esse jeito de ser católico. No entanto, ainda que o espaço não fosse conquistado e reconhecido oficialmente pelas lideranças locais, as práticas não deixariam de ser executadas.

Essa pesquisa fez um estudo em um contexto particular, identificando o que estes adeptos pensam sobre a RCC, como exercem as atividades ligadas ao movimento. O que foi observado em discursos como: *“Não abandono nossa comunidade, gosto muito dela.”* *“Não trocaria nossa comunidade”*, era a vontade da manutenção dos vínculos existentes com sua comunidade religiosa e com um estilo “tradicional” de ser católico – pois o tradicional naquele contexto era representado pela comunidade origem - ainda que buscando

novas ações no modo carismático de “ser”. Dessa maneira os sujeitos buscavam muito mais enquadrar as práticas do movimento, do que serem enquadrados institucionalmente por ele.

Essa análise sobre a RCC, suas práticas e experiências, tendo como foco o que os interlocutores produziam, gera aqui, muito mais indagações do que conclusões. Creio também que muitas são as indagações que surgiram e virão a surgir de cada narrativa coletada, cada experiência vivida. Muito mais do que isso, acredito, portanto, que esse trabalho é, dentre tantos, apenas mais um caminho que pode levar a muitos outros.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Luiz Roberto. Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica. In: **Pentecostalismo, Comunidades Eclesiais de Base e Renovação Carismática Católica**: uma análise comparada. Rio de Janeiro: CERIS, Petrópolis: Vozes, São Paulo: Paulus, Paulinas, Loyola, 2001, pp.43-67.

BINGERMER, Maria Clara L. A sedução do sagrado. In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 79-115.

CABRERA, Paula. Nuevas prácticas. Nuevas percepciones. La experiencia de La Renovación Carismática Católica. **Ilha – Revista de Antropologia**. Florianópolis: UFSC, vol 3, nº 1, pp. 121-138, 2001.

CARRANZA, Brenda. **Renovação Carismática**: origens mudanças e tendência. Aparecida: Santuário, 2000.

CICOUREL, Aaron. “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: GUIMARÃES, Alba Zaluvar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, pp. 87-121.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica**. Documentos da CNBB, n. 53, São Paulo: Paulinas, 1994.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GAARDER, Jostein et al. **O livro das religiões**. São Paulo Companhia das Letras, 2005

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDMAN, Marcio. Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos Vivos: etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**. São Paulo: FFLCH/USP, vol 46, n 2, pp. 445-476, 2003.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. "A observação participante". In: **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 95-148.

HÉRVIEU- LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne. O misticismo na experiência católica. In: VVAA. **Religiosidade popular e misticismo na Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984, pp. 21-62.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo: ANPOCS, 1996.

MARIZ, Cecília L. **Catolicismo no Brasil contemporâneo** (mimeo), 2005, p. 6

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "Nova Era". **Mana** [online]. vol.11, n.2, pp. 499-528, 2005.

_____. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: UFRGS, ano 5, n. 12, pp. 69-82, 1999.

MIRANDA, Julia. **Carisma, sociedade e política**: novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumarà, Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v..39, n.1, pp. 13-37, 1996.

ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PEDRINI, Pe. Alírio José. **Conversas sobre o Espírito Santo**. 5 ed. Campinas: Raboni, 1998.

_____. **Saiba como participar de grupos carismáticos**. 19 ed., São Paulo: Loyola, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVEIRA, Emerson Sena da Silveira. **Corpo, rito e emoção**: antropologia dos carismáticos católicos. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SOUSA, Ronaldo José de. **Carisma e Instituição**: relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil. Aparecida: Santuário, 2005.

SOUZA, André Ricardo de. **Igreja in concert**. padre cantores, mídia e marketing. São Paulo: Anablume; Fapesp. 2005.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edison de O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, pp. 36-46.

VICTORIA, Ceres. et al. "A construção do objeto de pesquisa."
In: **Pesquisa qualitativas em saúde**: um introdução ao tema.
Porto Alegre: Tomo editorial, 2000, pp. 45-51.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**
[online], vol.8, n.1, pp. 113-148, 2002.

SITES:

www.rccbrasil.com.br

www.cancaonova.com.br